



Beatrice Souza Sezures

**Onde está Fany em Nísia Floresta: modelo de educação
feminina**

Trabalho de conclusão de curso

Trabalho de conclusão de curso, apresentado ao programa de graduação em História da PUC-Rio para obtenção do título de graduação em História.

Orientadora: Luciana Vial Correa

Rio de Janeiro

Novembro de 2022

“As histórias importam. Muitas histórias importam. As histórias foram usadas para espoliar e caluniar, mas também podem ser usadas para empoderar e humanizar. Elas podem despedaçar a dignidade de um povo, mas também podem reparar essa dignidade despedaçada.” ADICHE, 2019, p.32.

Agradecimentos

Agradeço a minha família, meu namorado por todo o suporte, apoio, preocupação e incentivo durante esses longos seis anos, mas principalmente por terem me ouvido tagarelar incansavelmente sobre esse e tantos outros trabalhos e descobertas que realizei durante minha graduação. Como prometido, um agradecimento especial a minha irmã Lorena, uma doida pela ABNT que me ensinou como de fato fazer um parágrafo.

Agradeço ao PROUNI que me possibilitou cursar e conhecer o mundo que é a universidade, minhas amigas que vivenciaram comigo e aos professores queridos que passaram por minha trajetória.

Gostaria ainda de dedicar, como agradecimento, esse trabalho às minhas mães e avós, pois cada uma a sua maneira mesmo que sem perceber enfrentaram e venceram diariamente o machismo e o patriarcado da sociedade brasileira e somente por isso posso hoje estar aqui concluindo essa pesquisa sobre outra mulher que enfrentou os problemas de seu tempo com entusiasmo pela vida e por suas companheiras.

Por fim, dedico também às minhas duas irmãs caçulas para que elas saibam que podem ser o que elas desejam ser.

Resumo

Este trabalho tem como objetivo apresentar alguns aspectos da trajetória biográfica de Nísia Floresta Brasileira Augusta, nascida no Rio Grande do Norte, considerada a primeira potiguara a publicar um romance e defensora da educação feminina. Discutiremos também a titulação de pré-feminista empregada por alguns pesquisadores a escritora e por fim a análise de algumas de suas obras em busca de características de um modelo de educação e de mulher. A pesquisa recorreu em especial aos trabalhos de Constância L. Duarte, Graziela R. Rosa e Charlotte Matthews que com visões e abordagens diferentes promoveram um dinamismo e maior contextualização para a compreensão tanto de Floresta como de suas obras. De modo a sistematizar as características do modelo nisiano e o que era ensinado às suas estudantes, fiz uso da novela *Fany, ou o modelo das donzelas* (1847) para uma análise mais detalhada.

Palavras-chave: Nísia Floresta; Educação feminina; História das mulheres;

Sumário

Introdução	6
Capítulo 1 – Nísia Floresta	9
Capítulo 2 – Um possível feminismo	31
Capítulo 3 – Analisando o modelo nisiano	45
Conclusão	63
Referências Bibliográficas	65

Introdução

O seguinte trabalho tem como um de seus objetivos apresentar a potiguara Nísia Floresta, explorar sua vida por meio da historiografia, e analisar seus trabalhos em busca das suas propostas educacionais para mulheres. Apesar de muitos trabalhos já terem sido realizados sobre a escritora, em especial com foco na “pedagogia nisiana”, ainda são poucos os produzidos pela área da História, desse modo é de intuito também contribuir na divulgação dessa brasileira dentro do campo.

Nísia Floresta foi uma mulher do século XIX que balançou as estruturas de seu tempo, escrevendo em defesa da inteligência feminina e desafiando normas definidas ao seu gênero. Sua principal área de atuação foi certamente a luta pela melhoria da educação e é justamente nela que pretendo concentrar-me neste trabalho.

A descoberta de Nísia Floresta ocorreu por meio do artigo de Ludmila de Souza, “Viajantes de saias: escritoras e ideias antiescravistas numa perspectiva transnacional” de 2015, quando estava em busca do tema para a monografia, na época somente sabia que desejava estudar educação e gênero. O encontro com Nísia foi inesperado, mas fortuito, pois a potiguara reunia tanto em sua vida como em seus trabalhos a união das únicas certezas que eu tinha. A jornada da produção e escrita foi longa, por vezes penosa, mas também surpreendente e recompensadora, assim como a vida de Nísia, e como creio, ela teria gostado.

Cabe ainda dizer que além da contribuição dentro da historiografia, ousou igualmente contribuir para a melhor compreensão tanto da história como das obras nisianas. Isso porque me desafiei a promover uma discussão menos romantizada e idealizada da brasileira e de sua pedagogia, percebendo e apontando além dos ineditismos as conformidades com seu tempo e espaço. Para tal abordagem foi essencial os trabalhos de Charlotte Matthews e Graziela R. Rosa que, apesar de seguirem caminhos diferentes, também buscaram compreender e apontar para a necessidade de se analisar Nísia sem vícios e apegos a sua imagem.

Sendo assim, este trabalho considera e traz os aspectos biográficos de Nísia Floresta, passando por diferentes momentos de sua vida, com a constante preocupação de situá-los em meio a um panorama maior do século XIX. Avanço para uma discussão acerca dos efeitos da educação católica e do encontro com o positivismo em seus trabalhos e continuo com algumas considerações a respeito de um possível feminismo

premature, refutado por Mathews (2012). E terminamos com o empréstimo do conceito “matrona esclarecida” de Rosa (2012) para uma análise a respeito do papel da mulher na “pedagogia nisiaiana” nas obras *Opúsculo humanitário* (1853), *A mulher* (1859) e *Fany, ou o modelo das donzelas* (1847).

Questões

O objetivo principal deste trabalho é analisar algumas das ideias de Floresta; para tanto, considero crucial para o interesse da leitura, reconhecimento e difusão da existência de Nísia narrar a história de sua vida. Para tal, farei uso de uma narrativa biográfica, durante este processo irei me ancorar em algumas reflexões propostas por Mary Del Priore e Manoel Luiz S. Guimarães sobre o gênero que compartilho aqui.

Priore afirma que, "por definição, a biografia é centrada num indivíduo, ela coloca o problema da “representatividade” deste mesmo ator histórico” (2018). Ou seja, é preciso questionar os significados, a posição e a estrutura social da qual a personagem teve em seu próprio tempo e que pode ocupar atualmente, para que desse modo a narrativa se mantenha conectada com as questões contemporâneas, mas sem perder de vista as particularidades do momento estudado.

Por isso, é preciso reconhecer a posição que Nísia ocupava. Uma mulher branca, de uma família do interior brasileiro, mas que possuía um bom pedaço de terra. A escritora recebeu incentivo de seus pais, assim como uma boa educação escolar. Ainda assim, sofreu com as imposições da sociedade patriarcal como um casamento arranjado e campanhas difamatórias. E, apesar de suas limitações, das quais abordaremos, Floresta se pôs em igualdade numa sociedade de homens feita para oprimir mulheres.

De encontro a isso, trago a reflexão feita por Guimarães a respeito da “biografia, como escrita da história”, onde traz a necessidade de um outro, o leitor, que será de alguma forma impactado pela narrativa (2008).

“Narrar uma vida, portanto, impõe um desejo de duração para além da pessoa cuja vida é contada, um desejo de lembrança e memória, e por essa via, articula-se com um projeto de escrita de uma história. Supõe essa escrita um interesse que articula, em princípio, duas vidas: a narrada e a do narrador, aquele que se debruça e olha a vida do outro afetado por alguma forma de desejo.” (GUIMARÃES, 2008 apud SOUZA, 2008, p.19)

Como Guimarães disse, promover essas articulações sobre a vida de outro requer um desejo, nesse caso, começou com uma simples curiosidade sobre uma viajante do século XIX, ampliando os interesses para a vontade de entender os motivos e intenções de suas filosofias. Filosofias que ao lidas permitem vislumbrar tensões e disputas de uma época distante, e reconhecer algumas do presente, desse modo, a leitura de Nísia como veremos ainda é atual e merece ser realizada.

Por fim, é com essa intenção de lembrar e incentivar a memória a respeito de Nísia Floresta que espero começar e terminar esse trabalho.

Capítulo 1: Nísia Floresta

Nísia Floresta Brasileira Augusta¹ foi professora, diretora e proprietária de escola, escritora, dona de casa, viúva, mãe e defensora das mulheres; tudo isso e mais durante o século XIX enquanto viajava pelos Atlânticos. Nísia foi uma colecionadora de experiências assim como de títulos, seu próprio nome, ou melhor pseudônimo é um indicativo de sua personalidade e história. Neste capítulo iremos conhecer alguns dos momentos e eventos da vida dessa brasileira, como sua origem, família e criação, seus estudos, amores e viagens, mas iniciemos pela criação de seu nome.

O uso de pseudônimos era algo comum no século das luzes, principalmente pelas mulheres que desejavam ter suas obras publicadas e não sofrer com represálias da sociedade, seja pelo teor dos textos ou pelo simples fato de estarem demonstrando uma quebra no imaginário do feminino. Alguns exemplos são George Sand que na verdade era Amandine Dupin (1804-1876), Mary Ann Evans (1819-1880) que utilizou George Eliot, e ainda as irmãs Bronte que se intitulavam irmãos Bell.

“Não temos como afirmar porque ela usou pseudônimos, mas sabendo das suas ações em prol da educação feminina, suas obras e textos polêmicos à favor dos direitos humanos, não é difícil de compreender que os pseudônimos eram uma forma de se proteger e ocultar a sua identidade, protegendo-se de acusações e preservando-se de acusações.” (ROSA, 2012, p.24)

O que sabemos, no entanto é que com o decorrer dos anos, Nísia Floresta, tornou-se o nome referencial e oficial da escritora. A escolha de sua composição indica e simboliza partes de sua vida pessoal². Começamos com Nísia que seria o diminutivo³ de seu nome, Dionísia, enquanto Floresta é o nome da fazenda em que nasceu e viveu com a família. Brasileira é um atestado do seu nacionalismo, e por fim, Augusto em homenagem ao seu segundo marido Manuel Augusto.

Os primeiros anos

¹ Alguns pesquisadores preferem a grafia Nizia, todavia, aqui será utilizado a versão preferida por Constância Duarte, visto que ainda é a principal referência a escritora, assim como foi a porta de entrada para essa ilustre mulher.

² Além dos fatores a serem citados, considera-se que os primeiros usos de pseudônimo tenham ocorrido por necessidade, para driblar a perseguição do primeiro marido de Floresta.

³ Norma Telles (2004) sugere ainda que “Nísia” seja uma homenagem ao pai que se chamava Dionísio, versão masculina do nome de batismo da escritora, não sendo difícil então considerar o desejo de homenagem, e possivelmente uma dupla atribuição de significado à escolha.

No dia 12 de outubro de 1810 em Papari, Rio Grande do Norte, nasceu Dionísia Gonçalves Pinto. A família era composta pelo pai, Dionísio Gonçalves Pinto, português e advogado, a mãe, Antônia Clara Freire, brasileira, e ainda mais três irmãos. A família “possuía, segundo os relatos de Koster (1942), um pequeno pedaço de terra no vale, que aos olhos do viajante pareceu muito próspero” e constavam com certo prestígio na região (SILVA, 2014, p.46).

Nísia Floresta cresceu e viveu em meio a classe burguesa, revoluções e o mundo acadêmico, fosse em solo brasileiro ou europeu. Em meio a cartas, aulas e viagens, Floresta conheceu uma boa parte da Europa e pessoas que não estavam sequer no imaginário da metade das mulheres brasileiras de sua geração. E, enquanto vivia o inimaginável de perto, fez uso da pena para clamar a favor de mais respeito e reconhecimento às suas semelhantes.

O começo do século XIX foi marcado por movimentos revolucionários, muitos visando a independência de Portugal e por vezes com fortes tendências antilusitanas, traço que marcou a vida da família. Anos mais tarde Floresta comentou em sua última obra publicada em vida como os conflitos preocupavam seu pai, caracterizando-o como um “espectador aflito e indignado com essas horríveis hecatombes, às quais não escaparam alguns de seus amigos mais distintos, retirou-se assim que pôde, com sua família, de sua terra, a fértil e charmosa Floresta [...]” (FLORESTA, 2001, p.47).

Em 1817⁴, acontece então a primeira viagem da família, menos como uma viagem a passeio e mais como uma fuga causado pelo avançar das "horríveis hecatombes". A cidade escolhida foi Goiana⁵, em Pernambuco, e lá ficaram até meados de 1819⁶. A escolha da cidade não aparenta ter sido ao acaso visto que já era considerada como “um importante polo, (...) mais desenvolvido economicamente em relação às demais regiões” assim como um “avançado centro intelectual, do qual irradiam os ideais liberais” (LONZA, 2019, p.9), assim deveria parecer uma excelente opção para a segurança da família até o arrefecimento dos movimentos.

⁴ DIAS, 2019.

⁵ A cidade ainda é conhecida pela revolta das Heroínas de Tejucupapo em 1646, contra os holandeses, a Revolução de 1824 contra o governo de D. Pedro I, assim como por ter sido uma das primeiras regiões a abolir a escravidão ainda em 1884 (LONZA, 2019 e SILVA, 2014).

⁶ SILVA, 2014.

Entre uma cidade e outra um casamento

Alguns anos após o retorno da família a Papari, em 1823, Nísia se casa pela primeira vez. Poucas são as informações sobre o rapaz e o próprio casamento. No entanto, é de comum acordo entre os pesquisadores de Nísia que o rapaz se chamava Manuel Seabra de Melo, possuía terras na mesma região da propriedade Floresta, no entanto, não possuía gosto pela educação e pouco traquejo social.

O enlace durou pouco tempo, visto que meses⁷ depois a jovem rompe com o marido e retorna a casa dos pais. Rosa (2012) salienta que Nísia “fora perseguida e ameaçada pelo primeiro marido”⁸, o que contribui para a suposição de Silva (2014) sobre o rompimento ter sido um dos motivos para a família retornar a Goiana-Pe., assim como para a utilização de pseudônimos pela potiguara.

Se cairmos na tentação de considerar o casamento de Nísia pelas normas atuais, consideraríamos puramente um ultraje, uma violação aos direitos da criança, no entanto, devemos fazer um esforço de entender como e o porquê de casamentos assim serem não somente permitidos, como o esperado das famílias.

Para tal, devemos lembrar que dois anos antes do nascimento de Nísia, em 1808, a família imperial portuguesa passou a residir em solo brasileiro, e muitas foram as mudanças que tomaram conta da nova sede imperial nas décadas seguintes. Algumas sempre mencionadas como a abertura dos portos, remodelação dos centros urbanos para acomodar a corte e nobreza que vinham se instalar.

A sociedade que aqui vivia passa então por uma acelerada tentativa de acompanhar as tendências da Europa ocidental; uma dessas mudanças e que aqui nos é mais cara é o papel da mulher burguesa. Com uma crescente divisão do que seria público e privado numa sociedade regida por homens e pelo binarismo, “a mulher cuidava da casa, do marido e dos filhos e essa realidade não era uma opção, era uma forma de garantir a ordem de uma sociedade particularmente patriarcal” (PEREIRA, 2017, p.31). Ela deveria ser a imagem modelo, o anjo do lar⁹.

⁷ O tempo exato do retorno ainda não foi confirmado, Duarte (2010) sugere entre alguns meses e um ano, por exemplo. Dias (2019) ainda contribui comentando sobre a falta de documentos acerca da anulação do casamento, dificultando a precisão sobre seu fim.

⁸ Pereira (2017) afirma que Manuel posteriormente abriu processo por abandono do lar e adultério, mas não encontramos mais informações sobre o assunto.

⁹ A expressão que também pode ser vista como Fada do lar, se popularizou no século XIX, justamente com objetivo de enaltecer as funções domésticas, assim como da mulher dona de casa. Para mais detalhes dessa e outras definições ver Macedo e Amaral (org.) 2005.

D’Incao (2004) afirma que “não só o marido ou o pai vigiavam seus passos, sua conduta era também submetida aos olhares atentos da sociedade”, portanto, era imprescindível que as jovens tivessem o comportamento exemplar, pois

“Ela [a mulher] foi formada para sentir, como o homem foi criado para pensar; superior a ele em sagacidade e prontidão em compreender; é, contudo muito inferior em raciocínio e reflexão: aquelas que têm apresentado uma inteligência superior têm sido sempre à custa de suas qualidades femininas” (COSTA, 1989, p. 28, apud. PEREIRA, 2017, p.34).

Essas mesmas mulheres “formadas para sentir” não tinham qualquer tipo de abertura ao campo da individualidade, do desejo. Esse sentimento e compreensão deveriam sempre ser convenientes aos seus vigias, caso contrário, seriam percebidas como exceções. Era retirado do escopo de possibilidades que mulheres fossem capazes de raciocínio, e, portanto, não poderiam ou sequer teriam como argumentar, defender ou criar reflexões.

Se de alguma maneira uma mulher ousava e desafiava essa norma imposta eram ridicularizadas e marginalizadas. Alegavam que somente eram capazes por terem adquirido trejeitos masculinos, perdendo a sua essência feminina. Assim, historicamente, a separação de Nísia causa mais estranheza que o casamento em si, pois é uma larga ruptura nos padrões da época. E, como era de se esperar, Floresta sofreu com essa ridicularização por ter se separado de Manuel, foi perseguida e taxada de adúltera.

Ainda assim, algumas dúvidas ficam sobre o casamento como um todo. Elisabeth M. da Silva (2014), por exemplo, com essa conjuntura em vista, levanta o questionamento do porquê os pais de Nísia a casaram se a família pretendia permitir a separação e se pôr contra os costumes da época.

Numa tentativa de resposta, podemos apenas supor uma pressão da sociedade que via com maus olhos a moça não estar casada, ou ainda do próprio Manuel, dono de terras vizinhas que de algum modo poderia ter ameaçado a família. Neste último aspecto, é válido lembrar que a família já havia evadido da região por conta do antilusitanismo, e que no ano anterior havia sido declarada a Independência, não sendo estranho admitir um retorno da hostilidade que pode ter sido aproveitada pelo vizinho para forçar o casamento.

No entanto, apenas conjecturas são possíveis, já que pouco se chegou sobre as circunstâncias do casamento. Alguns pesquisadores como Norma Telles (2004) por exemplo destacam que “por ter largado o marido, foi repudiada por toda sua família com exceção da mãe”¹⁰, além das constantes ameaças de Manuel. Mas, ainda assim, sabemos que a jovem retornou a viver com sua família e assim viveu por alguns anos antes de se mudar para Europa, e mesmo assim manteve contato próximo com seus irmãos¹¹.

Pernambuco: educação, amor e conflitos

No ano de 1824 Nísia e seus familiares saem de forma definitiva do sítio Floresta e rumam para Pernambuco, onde residem mais uma vez em Goiana, posteriormente em Olinda e Recife. É levantado por alguns pesquisadores que foi durante este período que a escritora teve a oportunidade de se aprofundar nos estudos.

Recuperando a obra de Aduino Câmara, alguns pesquisadores comentam que a educação mais formal de Nísia começou nessa última passagem por Goiana pois “havia o convento das Carmelitas, importante instituição de ensino que funcionava desde o século XVII e que abrigava uma vasta biblioteca” (LONZA, 2019, p.10). Neste mesmo âmbito comentam que Dionísio, pai de Nísia, era um homem culto e que havia “encaminhado a filha nos estudos rudimentares” (DIAS, 2019, p.333), assim incentivado a ida e aprendizado da menina ao convento.

O Convento das Carmelitas era ministrado por freiras e frequentado pelas filhas da elite pernambucana, nele eram ensinados os tópicos considerados essenciais para uma moça: trabalhos manuais e canto, mas contavam com o acréscimo de línguas como francês e italiano além do próprio português. Esse último tópico do currículo do convento é significativo, visto que não era comum no período e a própria escritora, anos mais tarde, foi criticada por ensinar as mesmas línguas em seu colégio.

¹⁰ É interessante notar que Norma Telles diverge de alguns detalhes que são de comum acordo com outros pesquisadores, como o motivo para o pseudônimo, abandono do marido e outros pequenos eventos.

¹¹ Nísia Floresta dedicou o livro *Opúsculo Humanitário* (1853) ao seu irmão Joaquim Pinto Brazil, e *Fragments de uma obra inédita: Notas biográficas* (2001) é dedicado a irmã A. F. Clara Medeiros, a obra reunida e publicada em 2001 aborda justamente uma coletânea de memórias em homenagem ao irmão falecido alguns anos antes, assim como outros eventos da vida de Floresta, sendo uma excelente fonte feita pela própria potiguara a respeito de sua vida.

A passagem pelo convento é significativa, visto que Floresta posteriormente publicou suas obras em francês e italiano, assim como era fluente nesses idiomas, inclusive passando temporadas nos países de origem. Portanto, ainda que não tenhamos como precisar o tempo que ficou no convento, temos indicativos suficientes para crer que este contato com outras línguas latinas foi importante em sua vida.

“(…) na cidade de Goiana, sempre incentivada pelo pai, Nísia conheceu a cultura europeia, através da biblioteca do Convento das Carmelitas, que funcionava desde o século XVII. Nele, moças da elite tornavam-se prendadas nas artes dos trabalhos manuais e do canto. Goiana foi também o local onde Nísia ouviu e travou contato com as ideias liberais que a caracterizaram por toda a vida.” (BARBOSA, 2006, p.12. Apud. PEREIRA, 2017, p.64).

Outra característica de Floresta é o seu conhecimento dos clássicos literários e as discussões atuais de seu tempo, que podemos crer ter sido impulsionada pelo tempo no convento, dado a “vasta biblioteca” e dos eventos que presenciou.

Elisabeth M. Silva visando explicitar essa característica e expor o amplo conhecimento teórico da potiguara fez uma sistematização, em sua tese de mestrado *Mulheres, emancipai-vos!* (2014) de autores e suas características citados por Nísia em quatro de suas obras. Dentre elas, o *Opúsculo Humanitário* (1853) é a obra com maiores citações, o que é explicado por ser um dos maiores livros de Floresta, mas também pelo seu objetivo, demonstrar que as mulheres são dotadas de inteligência. Assim, Nísia exemplifica seu argumento por meio de seu próprio conhecimento.

Por fim, podemos e devemos salientar a exceção que era o convento em si. No começo do século as escolas eram pouquíssimas e como em outros campos os cargos de direção eram ocupados somente por homens. Portanto, a jovem Dionísia não somente teve a oportunidade praticamente única de estudar num ambiente enriquecido culturalmente, como já sugerido, como pôde presenciar um dos poucos lugares de liderança aceitos para as mulheres no começo do século.

Como já levantado aqui, a posição social das mulheres era profundamente debilitada, visto que deveriam servir aos homens e a família em suas residências. Mas, a essa informação deve-se acrescentar que este panorama era direcionado às mulheres brancas da sociedade. Mulheres negras e indígenas eram expostas ao trabalho manual de horas a fio desde o início da colonização portuguesa e assim se manteve durante todo o império, impondo uma diferença de sociabilização e conseqüente posição social.

Assim, mesmo que as primeiras décadas do século XIX tenham trazido mudanças para o “Brasil” a posição da mulher se mantinha no escopo da servidão. E, considerando as devidas especificidades, nenhuma delas estava realmente livre a seguir o caminho que desejasse, portanto, indico também este encontro de Floresta com um corpo de direção feminino no convento como evento significativo para sua formação.

Portanto, como já dito, somente a experiência de Nísia no tocante à educação já pode ser considerada singular e digna de pesquisas. Pois, além dos meios para ir atrás da educação desejada, a escritora contou com o apoio da família na busca pela mesma e conseguiu de fato ter acesso a ela.

Isso porque na época do crescimento de Floresta ainda não havia um sistema educacional, mas sim algumas iniciativas isoladas particulares, e ainda assim repleta de falhas, em realidade, um compilado mais robusto de normas e leis só foi instaurado a partir da

“Lei Geral do Ensino, de 1827 (CLB)” que “procurou normalizar as bases da intervenção estatal estabelecendo a obrigatoriedade da instrução de primeiras letras e a necessidade da formação dos professores pelo método lancasteriano” (VILLELA, 2005, p.105).

Ferraro e Lage (2014) numa análise sobre a presença da educação nas constituições brasileiras demonstram que o tema era de pouco interesse dos governos, e de como na constituição de 1824 o tema somente aparece em dois incisos. Enquanto um assegura a existência de locais e cursos universitários o outro torna obrigatório a educação primária, mas somente para aqueles considerados cidadãos livres. E, mesmo com o acréscimo da CLB os problemas continuaram.

“Uma situação muito comum encontrada na documentação era a falta de aulas em escolas criadas por vezes há muitos anos” (BASTOS, 2008, p.186), isso porque eram constantes as disputas políticas nos órgãos governamentais o que atrasou a criação e consolidação de um bom sistema educacional. O que por sua vez atrasou o acesso e consequente ascensão da população. E num período em que cada professor representava uma escola é evidente que havia uma escassez de professores. E se os professores eram escassos no Império, as professoras eram ainda mais difíceis de se encontrar.

Dentro deste quadro ainda se encontravam as disparidades salariais entre professores homens e mulheres, assim como a proibição de professores homens lecionarem as moças (DUARTE, 2010), sendo mais um empecilho para elas. É válido

comentar que essa última regulamentação era fortemente influenciada pela Igreja Católica que também impedia o co-ensino e outras atividades educacionais para as moças (SILVA, 2014), como aulas de educação física vistas como não naturais.

Em meados do século XIX as preceptoras vindas da Europa ocuparam o cargo de professoras particulares. Muitas fundaram colégios que ganharam renome com o passar dos anos. No entanto, Nísia Floresta, por exemplo, criticou o uso de metodologias exteriores e a falta de ação do Estado no assunto. Ainda assim, constantemente sobrecarregadas, passaram por muitas dificuldades quando percebiam que os métodos aprendidos em sua terra natal não surtiam os efeitos desejados¹².

Em *Fragments de uma obra inédita* (2001) Nísia Floresta conta que o pai foi assassinado em 1828 numa cidade próxima a Recife. Segundo a própria Floresta, o senhor Dionísio havia ido até a cidade com seu filho caçula para “defender a causa de um de seus clientes” (2001, p.51). “Segundo Aduauto Câmara, o capitão-mor,” A. Uchôa Cavalcanti, “mantinha uma inimizade antiga com o advogado” (FLORESTA, 2001, p.91) o que teria resultado em sua morte.

O falecimento repentino do grande mestre a deixou profundamente abalada, como atesta o pesar em suas palavras na obra *Fragments*. E afirma que somente se recuperou por conta dos pedidos “que vivesse para ele [seu irmão] e para a companheira de sua infância” (2001, p.52) rogados pelo caçula da família. Floresta afirma que se recuperou por conta desses pedidos, para assim se “dedicar à minha família e à educação dessa afetuosa criança [seu irmão] nada negligenciando para substituir-lhe o digno pai” (FLORESTA, 2001, p.53) que havia subitamente falecido.

O ano de 1828, no entanto, é também o da segunda união de Nísia Floresta, desta vez por vontade própria, com um estudante de direito, Manuel Augusto de Faria, natural de Goiana. Não há indicativos que tenham oficializado a união, visto que também não foram ainda encontrados documentos¹³ de anulação do primeiro casamento. Pereira

¹² Ina Von Binzer (1856-1924) foi uma preceptora alemã que passou por diferentes famílias durante sua estadia no Brasil e relatou em suas cartas as dificuldades que tinha com seus alunos, posteriormente suas cartas foram reunidas e publicadas em *Os meus romanos: Alegrias e Tristezas de uma educadora alemã no Brasil* (1982).

¹³ Tanto Rosa (2012) como Pereira (2017) indicam que documentos do século XIX foram destruídos no município Nísia Floresta. Rosa aponta como ação de vandalismo, enquanto Pereira afirma que o município assim decidiu pela falta de espaço, de todo modo, é certo que muito se foi perdido, seja da história de Nísia como do município e demais temas.

(2017) salienta que mais uma vez Floresta estava indo contra as normas sociais ao fixar residência sem a oficialização, e por isso deve ter sofrido “duras críticas do povo”.

Manuel Augusto participou da primeira turma da Faculdade de Direito de Olinda, sediado a princípio no Mosteiro de São Bento. A região marcada por eventos revolucionários e já considerada um centro cultural efervescente viu “o ambiente político da cidade” tornar-se ainda mais “agitado e liberal, em virtude da rebeldia dos estudantes” (MARGUTTI, 2019, p.16).

Consta ainda que na primeira turma, juntamente com Manuel Augusto se formaram

“Joaquim Nunes Machado (1809-1849), líder da Revolução Praieira (1848-1849), morrendo em combate no ano seguinte, e Eusébio de Queiroz Coutinho Matoso da Câmara (1812-1868)” que “seria o autor da Lei de 4 de setembro de 1850, que extinguiu o tráfico negreiro no Brasil” (FLORESTA, 2001).

Silva (2014) acrescenta que os estudantes colegas de Manuel Augusto visitaram a residência do casal, o que proporcionou contato direto entre Floresta e as mais recentes ideias e propostas que circulavam na recente nação. Não é de todo modo estranho supor que Floresta tenha ao menos cruzado caminhos com Joaquim Machado e Eusébio de Queiroz durante os anos da faculdade e, quem sabe tenha existido uma troca de influências entre os jovens brasileiros.

Podemos acrescentar ainda os dois textos de Nísia aqui já mencionados, *Páginas de uma vida obscura* publicado em 1855 no Rio de Janeiro, ou seja, alguns anos após a promulgação da lei de Eusébio de Queiroz, contribuindo ao movimento abolicionista. E *A Lágrima de um Caeté* de 1849 que tem como cenário a própria Revolução Praieira, no qual Nísia defende o “índio” e os revolucionários.

Alguns anos depois da união do casal, em janeiro de 1830 nasceu Livia Augusta de Faria Rocha. A jovem acompanhou a mãe durante toda a vida e em diversas viagens pela Europa, onde fixou residência. Livia traduziu e publicou alguns dos textos de sua mãe, como *Woman* (1865), e *Le Brésil* (1871). No entanto pouco se sabe sobre a jovem, o que consta é um casamento com fim prematuro devido ao falecimento do marido apenas alguns meses após a união¹⁴.

¹⁴ Sobre o casamento de Livia pouco se sabe, assim como os de sua mãe. No entanto, Floresta em *Fragments* afirma que viveu na “Alemanha, onde minha filha se casou e ficou viúva quatro meses depois” (2001, p.33), o outro único registro até agora mencionado é sobre a alteração do nome de Livia em traduções feitas das obras de sua mãe, também em Floresta, 2001, p.83.

A filha, no entanto, foi inspiração e presença constante nos escritos de Floresta. Graziela R. Rosa numa análise minuciosa dos escritos da potiguara expõe os anseios e preceitos que Nísia desejava transpor para sua filha. Ao mesmo tempo que instrui a primogênita, a utiliza como exemplo e símbolo de todas as filhas que intencionava alcançar com suas publicações.

Nos últimos dois anos de seu tempo em Pernambuco são ainda creditados dois eventos a Nísia Floresta. O primeiro seria sua contribuição no recém-criado periódico *Espelho das brasileiras* do francês Adolphe Émile de Bois Garin com foco no público feminino. E, a sua primeira publicação editorial, o livro *Direitos das mulheres e injustiça dos homens* (1832).

As primeiras publicações

As primeiras publicações de Nísia Floresta são datadas de 1831 no periódico recém-criado em Pernambuco pelo francês Adolphe Émile de Bois Garin. Adolphe nomeou seu periódico de *Espelho das brasileiras* e teve como público-alvo as senhoras da região. Segundo alguns colegas, Floresta colaborou em trinta edições do jornal, de fevereiro a abril, versando sobre a história e condições de vida da mulher em diferentes culturas.

No entanto, no livro de 2012, *Gender, race and patriotism in the works of Nísia Floresta*¹⁵, Charlotte Matthews pondera que as informações sobre o jornal e a autoria de Nísia em publicações no mesmo são insuficientes. Matthews afirma que somente encontrou um exemplar do jornal datado de 8 abril no Arquivo Público de Recife, e que Duarte não informa se obteve acesso a exemplares diferentes deste.

Numa consulta a Hemeroteca digital¹⁶ foi possível acessar quatro números do periódico, cada um com 4 páginas. As edições são dos dias 2, 6, 10 e 13 de maio de 1831. Os números têm por tema em comum o 7 de abril de mesmo ano, dia em que D. Pedro I abdicou do trono, assim como a libertação da pátria e dos brasileiros dos portugueses. São constantes ainda as críticas a D. João VI e Pedro I, assim como aos monarquistas.

¹⁵ Ainda sem publicação em português.

¹⁶ Acervo digital e gratuito de periódicos da Biblioteca Nacional.

No periódico ainda aparenta ser recorrente a publicação de cartas de leitoras e de respostas do editor, no entanto, os textos são publicados de forma anônima ou sob pseudônimos. Ainda foi possível constatar um tom de incentivo às mulheres para que ao menos se informem sobre as questões políticas; há inclusive uma carta na qual a leitora *Pernambucana Livre* pede que as pernambucanas usem as cores da pátria em adornos nas roupas para se distinguirem dos monarquistas.

Todavia, assim como Matthews afirma, não é possível ter certeza que qualquer um dos textos no exemplar tenha sido realmente escrito por Floresta, visto que não há sua assinatura ou indícios suficientes para identificá-la. Mas, ainda concordamos que o “article’s content is indeed reminiscent of Floresta’s later writing, so neither is it possible to deny the suggestion” (MATTHEWS, 2012, p.7) que alguns dos textos sejam realmente de autoria de Nísia.

O livro *Direitos das mulheres e injustiça dos homens* foi publicado em 1832 pela Typographia Fidedigma¹⁷, em Recife, assinado por Nísia Floresta Brasileira Augusta. No ano seguinte o livro foi reimpresso em Porto Alegre pela Typographia de V. F. de Andrade e conforme escrito na capa do original¹⁸ a obra foi traduzida livremente de uma obra de “*Mistris. Godwin*”.

A princípio acreditou-se que o livro seria uma tradução fiel da obra *Vindication of the rights of woman*, de Mary Wollstonecraft, no entanto, segundo as pesquisas de Maria Lúcia Garcia Pallares-Burke¹⁹ o livro é “uma tradução do tratado feminista *Woman not inferior to man (...)*, 1739, sob curioso pseudônimo, Sophia, A Person Of Quality”. Pallares-Burke ainda completa afirmando que o texto de Sophia é inspirado “nas ideias do pensador francês do século XVII François Poulain de La Barre até mesmo plagiando e apropriando-se de muitas das passagens” (FLORESTA, 2001, p.93).

Charlotte H. Matthews (2012) concorda com Pallares-Burke sobre a tradução feita por Nísia Floresta ser do tratado de Sophia. Ainda aponta que a pesquisa de Pallares-Burke não recebeu a devida atenção por conta de uma idealização acerca de Floresta, principalmente porque ao indicar que a tradução seria na verdade fiel ao

¹⁷ ROSA, 2012, p.20

¹⁸ A capa, assim como dedicatória e algumas páginas do livro da impressão gaúcha foram reproduzidas no livro *Nísia Floresta: uma mulher a frente de seu tempo* (2016) da Fundação Ulisses Guimarães, e encontra-se disponível para *download* no site da fundação, mas também referenciado ao fim deste trabalho.

¹⁹ Pallares-Burke defende a tese na obra *Nísia Floresta, o Carapuceiro e outros ensaios de tradução cultural*, São Paulo, Hucitec, 1996.

exemplar francês, põe fim a suposição de que Nísia teria adequado o texto ao contexto brasileiro.

Desse modo, ao indicar que a tradução não é mais “livre” e sim literal, a originalidade e autoria de Nísia não podem mais ser defendidas, o que por sua vez põe em xeque a premissa da potiguara ser a primeira feminista brasileira. Apesar disso, Matthews indica que não foi intenção de Nísia se colocar como autora das ideias, visto que explicita que o texto é uma tradução.

No entanto, fica o questionamento levantado pelas duas pesquisadoras, quais foram as intenções de Nísia ao indicar que sua tradução seria de uma obra de *Mistris Godwin*, nome de solteira de Wollstonecraft, indicando que Nísia tinha algum conhecimento básico da escritora inglesa, como sua data de nascimento. Pois, com essa informação, Nísia saberia que a obra que traduziu fora publicada ao menos vinte anos antes do nascimento da alegada autora.

Por fim, Pallares-Burke e Matthews sugerem que Floresta tinha consciência que a tradução de uma obra sobre emancipação feminina, com o nome de Wollstonecraft, mesmo que o de solteira, causaria grande impacto, e por isso teria feito propositalmente a troca. Ambas ainda concordam que apenas suposições podem ser feitas, visto que não é possível ter certeza dos motivos que levaram Nísia a tomar essas decisões. E, para finalizar, Matthews afirma que a tradução de *Direitos* ser atribuída a um tratado pouco conhecido do século XVIII

“Yet this knowledge has done nothing to simplify an analysis of *Direitos*. On the contrary, it has given rise to a série of intriguing and unanswerable questions, wich make Floresta's first venture into the world of letters all the more complex and challenging. (MATTHEWS, 2012, p.22)

Ou seja, apesar de não ser possível indicar que Nísia Floresta possui o texto inaugural do feminismo no Brasil²⁰, a primeira obra da escritora ainda está repleta de “intrigantes” questões que colocam Nísia e seu texto como marcos na literatura e emancipação feminina brasileira.

²⁰ Matthews (2012) indica em dois momentos em seu livro que o texto a ser considerado como o inaugural do feminismo seja o *Diálogos* da gaúcha Ana de Barendas, de 1837, mas somente publicado numa coleção em 1845. Acrescenta que o texto apresenta influência da tradução de Floresta, e ainda sugere que Barendas e Floresta fossem conhecidas, visto que moravam próximas em Porto Alegre.

Porto Alegre, uma cidade de memória agridoce

Segundo Duarte (2010), Nísia Floresta se mudou para a cidade de Porto Alegre, no Rio Grande do Sul, acompanhada de duas irmãs, mãe, filha e o marido Manuel Augusto. A mudança foi feita em fins do ano de 1832, após a conclusão do curso de Direito de Manuel.

Como em muitos outros aspectos de sua vida não há certeza sobre o motivo da viagem, e algumas suposições já foram levantadas, como comentou Duarte

“Esta mudança aparentemente repentina, de Olinda para Porto Alegre, deu motivos a muitas especulações por parte de alguns estudiosos de Nísia. Uns acreditam que ela foi obrigada a sair de Pernambuco devido às ameaças que havia recebido do primeiro marido, ainda não conformado com o abandono. Este – armado de razões jurídicas – estaria prestes a chegar à cidade e disposto a processá-la por abandono de lar e adultério. Outros já divulgam a versão de que Manoel Augusto foi para Porto Alegre atendendo o convite de um irmão que lá morava. Se foi este – ou aquele – o motivo da mudança, não há mais como saber; sabe-se apenas que, em Porto Alegre, nova vida a aguardava.” (DUARTE, 1995, p. 25, Apud. DIAS, 2019, p.335)

Assim, apesar de não ser possível ter exatidão dos motivos que a levaram a fazer a mudança de ares, é certo que a escritora morou na cidade visto que fez a reimpressão de seu primeiro livro em Porto Alegre, e é o local de nascimento do último filho²¹ do casal, Augusto Américo de Faria Rocha, batizado na catedral da cidade.

Graziela R. Rosa obteve a certidão de batismo do filho caçula e a disponibilizou em anexo na sua tese *Transgressão e Moralidade na formação de uma “matrona esclarecida”*: *contradições na filosofia de educação nisiana* de 2012. No documento, podemos identificar que o batismo aconteceu na casa do Doutor Manoel Antonio Rocha Faria, que juntamente de sua esposa foram os padrinhos da criança.

A certidão também afirma que Augusto Américo, era filho legítimo do jovem casal, o que conforme já mencionado, crê-se difícil, visto que não há registros da anulação do casamento anterior ou da realização do segundo. Podemos supor então que Nísia e Manoel se apresentaram como legitimamente casados, é curioso também notar que a potiguara é indicada como natural de Pernambuco e assina com o pseudônimo Nísia Floresta Brasileira Augusta, oficializando assim aquele que se tornou seu nome.

²¹ Segundo os pesquisadores LIMA, 2016; PEREIRA, 2017; e MARGUTTI, 2019 o casal teve ainda um outro filho que faleceu logo em seguida ao nascimento.

A alegria do nascimento do filho do casal foi rompida sete meses depois. Como atestado na certidão de óbito também obtida por Rosa e disponível na mesma tese, Manoel Augusto faleceu dia trinta de agosto de 1833 de uma constipação. Ainda consta que o rapaz tinha 28 anos e era casado com "Dona Nizia".

Com o falecimento do marido logo após a mudança para a nova cidade, e ainda com duas crianças pequenas, Nísia Floresta precisou buscar meios de tomar conta da família. De acordo com Matthews (2012) e Rosa (2012) foi durante esse período que abriu seu primeiro colégio e passou a dar aulas, atuando como preceptora. Apesar de procurar em diferentes arquivos, Rosa não encontrou registros da localização ou qualquer outro detalhe sobre o colégio.

Apesar da falta de registros sobre o colégio de Floresta em Porto Alegre é certo que a potiguara atuou como professora na cidade. Isso porque na biografia *O marechal Câmara* (1964), Rinaldo P. Câmara comenta sobre a qualificação de Nísia como professora do jovem marechal, em suas palavras

“[...] quando o nosso biografado atingiu a idade escolar, sua instrução primária foi orientada por uma professôra particular- D. Dionísia Gonçalves Pinto, que lecionava, também, à sua mana Rita de Assis, um ano mais velha que ele. Foi uma ótima iniciação essa, pois D. Dionísia era uma autêntica vocação pedagógica [...]” (CÂMARA, 1964, p.142, Apud. ROSA, 2012, p.196)

Outra fonte ainda corrobora o ofício de Nísia no período, o anúncio posto no *Jornal do Comércio*, de 31 de janeiro de 1838. O anúncio refere-se à inauguração do Colégio Augusto, no Rio de Janeiro, mas além de indicar os conteúdos a serem ensinados, afirma que Floresta conta com quatro anos de experiência como professora, o que a qualificaria para a função. Ou seja, quatro anos antes, em 1834, Floresta estava em Porto Alegre, e já lecionando.

Ainda sobre a situação de Nísia após o falecimento do marido é válido comentar sobre como “Nísia Floresta passa a se reconhecer e ser reconhecida como viúva, o que confere novos valores à sua posição social” (DIAS, 2019, p.335). O assunto é abordado brevemente por Luma P. Dias (2019) e com mais detalhes por Elisabeth M. da Silva (2014), ambas comentam sobre como a “classe das viúvas” contava com menos restrições que as demais mulheres.

As duas pesquisadoras resgatando outros trabalhos salientam que ao tornarem-se viúvas, algumas mulheres conseguiam mais liberdade para gerir suas vidas

financeiramente, adquirindo o *status* de chefe de família. Silva (2014) chega a considerar que “a viuvez prematura (...) pode ter contribuído para o seu comportamento, e conseqüentemente, suas ideias feministas” (SILVA, 2014, p.44).

A essa suposição acrescento, de modo a deixá-la ainda mais possível, a própria experiência da mãe de Floresta, dona Antônia Clara Freire, que se casou e enviuvou duas vezes. Assim, não somente a sua vivência, mas as experiências da mãe podem ter contribuído para as suas ideias em prol das mulheres.

Por fim, é importante ter em vista que mesmo com uma debilitada liberdade adquirida ao carregar o título de viúva, Nísia deveria estar num constante estado de alerta, devido a fragilidade de seu casamento com Manoel. Pois, como aqui já mencionado, o primeiro marido a perseguiu e não foram encontrados registros da anulação e oficialização do matrimônio do casal.

A passagem de Nísia na parte sul da “querida pátria” durou até meados de 1837, quando se mudou para o Rio de Janeiro. O motivo comumente dito para a mudança de Floresta e alguns de seus familiares foi o avançar da Revolução Farroupilha (1835-45), que assolou a região²². Alguns pesquisadores mencionam que durante esse período Nísia fez amizade com dois importantes revolucionários, o “italiano Giuseppe Garibaldi, político e militar revolucionário e de sua esposa (...) Anita Garibaldi, que se destacou por sua participação nas campanhas revolucionárias do Brasil” (SILVA, 2014, p.51).

Rio de Janeiro, o último lar brasileiro

Após a intensificação dos conflitos na região sul, Nísia Floresta muda-se para o Rio de Janeiro com sua família. Logo em seguida de sua chegada a preceptora anuncia a abertura de seu Colégio Augusto localizado na Rua Direita, nº163, atual Primeira de Março. No entanto, Duarte afirma que o Colégio posteriormente “foi transferido para a Rua D. Manuel nº 20, com entrada pela Travessa do Paço, nº 23, bem em frente ao Palácio da Justiça” (2010, p.16).

Como já mencionado anteriormente, Nísia adotou no currículo da escola o ensino das línguas francesa e italiana, assim como do latim, indo contra as normas da época. A

²² Mais detalhes sobre a Revolução serão abordados adiante quando for discutido o livro *Fany ou o modelo das donzelas* que tem como pano de fundo o conflito.

escolha de ensinar o latim gerou constantes críticas ao colégio na imprensa carioca, como a seguinte feita no jornal *O Mercantil* no dia 17 de janeiro

“Há casas de educação que têm o mau gosto de ensinar às meninas a fazer vestidos ou camisas. Mas parece que D. Augusta acha isso muito prosaico. Ensina-lhe latim. E por que não grego e hebraico? Pobre diretora!” (DUARTE, 1995, p. 65, Apud. LONZA, 2019, p.51-2).

Algumas outras críticas são ainda relacionadas com Nísia também optar por promover atividades físicas que não eram bem-vistas para a promoção de uma natureza dócil das jovens meninas. Sobre o repúdio ao ensino do latim, Lonza (2019) aponta que a língua latina tinha espaços específicos no século XIX, e esses espaços não eram receptivos às mulheres, de modo que não faria sentido ensinar a elas o idioma.

Um desses espaços eram os cursos de direito e medicina que colocavam a língua como requisito, e justamente por isso as jovens eram excluídas, visto que não aprendiam o idioma. A crítica do jornal expõe “o ciclo vicioso que as mantinha sempre apartadas da formação acadêmica” (LONZA, 2019, p.52).

Elisabeth M. da Silva (2014) faz uma análise detalhada a respeito das matérias ensinadas no colégio, que foram anunciadas ao decorrer dos anos na imprensa, assim como os possíveis métodos de ensino utilizados por Floresta. Desse modo, sugere o método lancasteriano, que era o mais utilizado em outros colégios, assim como o indicado pela lei de 1827 e o método Castilho, devido a admiração de Floresta ao seu criador, o professor Antônio Feliciano de Castilho²³.

Outro aspecto abordado por Silva (2014) são a experiência e normas do colégio, assim como o seu público atendido. Dividido em três categorias, o Colégio Augusto atendia alunas internas, semi-internas e externas. Nos informa ainda que Nísia limitava o número de alunas matriculadas, pois considerava que um grande número não seria proveitoso para um bom ensino, mas ainda assim conseguia atender algumas alunas de forma gratuita, inclusive sofrendo de zombarias por isso

“Este fato causou-lhe algumas críticas no Jornal O Mercantil com um trocadilho de palavras, dizia que Nísia Floresta ensinava algumas educandas de graça, e ainda sobrava-lhe tempo para fazer graças!” (SILVA, 2014, p.135)

²³ “Floresta tinha grande admiração, inclusive lhe dedicando um poema “*Um improviso: na manhã do 1o corrente, ao distinto literato e grande poeta, Antônio Feliciano de Castilho*” publicado no “O Brasil Ilustrado” em 30 de agosto de 1855” (SILVA, 2014, p.135).

Por fim, Silva (2014) ainda aborda a concorrência, como os outros colégios eram administrados e o que ofereciam, as semelhanças e diferenças com o Colégio Augusto. E, de acordo com Duarte (2010), o último anúncio relacionado ao colégio foi feito em 1856, sendo considerado o último ano de atuação dele.

Durante os quase dez anos na capital imperial Nísia ocupou seu tempo com o Colégio Augusto e a criação de seus filhos; Livia, a primogênita, inclusive estudou e formou-se com êxito no Colégio de sua mãe²⁴. E, mesmo enquanto enfrentava os desafios de administrar uma escola e família, Nísia encontrou meios de publicar seus escritos mais uma vez. A primeira publicação no Rio, aconteceu em 1839, mais uma impressão de seu *Direitos*, “colocado à venda na “Casa do Livro Azul”, na Rua do Ouvidor, nº 121, por 55 réis” (DUARTE, 2010, p.154).

Alguns anos depois, em 1842, é publicado *Conselhos a minha filha*²⁵, que foi dedicado à filha Livia que contava com 12 anos a época, e inaugura uma das facetas literárias de Nísia, os textos moralistas. São livros curtos “de tom meigo e persuasivo, que fala diretamente à mocidade” (DUARTE, 2010, p.15). E, em 1847, são publicadas mais três obras seguindo a temática: *Daciz ou A jovem completa*²⁶, *Fany ou o modelo das donzelas* e “o “*Discurso que às suas educandas dirigiu Nísia Floresta Brasileira Augusta*”, pronunciado no encerramento das aulas do Colégio Augusto” (DUARTE, 2010, p.154).

De acordo com pesquisas recentes, a obra *Daciz* ainda não foi encontrada, mas acredita-se que tenha sido publicada pela mesma tipografia de *Conselhos*, assim como *Discurso*. De acordo com Adauto Câmara, a personagem Daciz seria inspirada em Amélia de Miranda, antiga aluna de Floresta, que teria recusado um casamento arranjado. Na obra, Nísia teria se posicionado contra esse tipo de matrimônio e argumentado em defesa da escolha dos parceiros pelos próprios jovens. Considerando o seu próprio passado, não é de todo modo estranha a sua posição.

²⁴ “Na edição do Jornal do Comércio de 24 de dezembro de 1846 é publicada uma lista das alunas que se destacaram no exame do Collegio Augusto. Livia de Faria Rocha, filha de Nísia Floresta, aparece em primeiro lugar no exame de Latim” (Ibidem., p.162)

²⁵ “1ª publicação no Rio de Janeiro em 1842, 2ª publicação em 1845 (Nessa 2ª edição a autora inclui Máximas e Pensamentos – para minha filha) também no Rio de Janeiro, pela Typographia de Paula Brito, 1ª edição em italiano, 1858, 2ª edição em italiano em 1859 e a 1ª edição em francês também em 1859” (Ibidem, p.68).

²⁶ Ver FLORESTA, 2001, p.84 e MARGUTTI, 2019, p.18.

Enquanto isso, o acesso atual ao texto *Fany* foi possível por conta da versão de “Borges de Medeiros” que “guardava o precioso manuscrito, *Fanny ou a fonte das donzelas* (1847) e deu-o de presente a Fernando Osório Filho (SILVEIRA, 1971, p. 66), que o inseriu na sua obra “*Mulheres Farrroupilhas*” (1935)” (ROSA, 2012, p.44). Duarte, republicou a obra em 2009 no livro *Inéditos e Dispersos de Nísia Floresta*, e acrescenta que o manuscrito fora assinado com o pseudônimo N. B. Augusta, e que “a autora ainda afirma que ela foi escrita para servir de leitura para às alunas do Colégio Augusto” (DUARTE, 2009, p.102).

Esses textos carregam um tom diferente do *Direitos*, apresentam “um tom afetoso de mãe para com a filha, ou o da professora zelosa com as suas alunas” (DUARTE, 2010 p.15). *Discurso* como o título indica, é a transcrição do discurso proferido pela professora Nísia no encerramento do ano escolar do colégio, mas ainda assim, compartilha características com as outras obras.

Os livros são curtos e suas narrativas têm por objetivo indicar o modelo ideal de mulher. Para isso, Nísia cria personagens e os mescla com memórias e experiências de sua vida para transmitir mandamentos dos comportamentos que deseja difundir às suas estudantes. Como em *Daciz*, ao utilizar a vivência de Amélia, a quem deve ter orientado e possivelmente compartilhado a sua própria experiência.

Em *Conselhos*, por exemplo, “pede que sua filha observe todos os exemplos de amor e obediência filial que a história tem apresentado”, seriam eles irmãos e pais da história bíblica, que indicam a “grande influência religiosa da autora” (SILVA, 2014, p.68) em suas normas. Essa influência aparece também em *Fany*, onde Floresta constantemente recorre a “divina providência”, seja na descrição dos locais, ou ainda quando diz que “a obediência filial e o desempenho exato dos deveres de uma donzela era uma lei que Deus escrevera” (DUARTE, 2009, p.96).

A última publicação de Floresta antes de embarcar pela primeira vez a Europa foi a já mencionada *A Lágrima de um Caeté*, em 1849, sobre ela, Duarte comenta

“O poema de 712 versos trata do processo de degradação do índio brasileiro colonizado pelo homem branco, e do drama vivido pelos liberais durante a Revolução Praieira, reprimida em Pernambuco em fevereiro desse mesmo ano. Conforme anúncios do *Jornal do Comércio*, foram tiradas pelo menos duas edições do poema nesse ano (maio e junho). O motivo do sucesso foi, com certeza, ao fato de tratar também da Revolução Praieira, um assunto palpitante entre os liberais” (DUARTE, 2010, p.154-5).

Alguns meses depois da publicação, no final do ano, Nísia embarcou para França com os dois filhos. As pesquisas apontam que a decisão foi tomada após um acidente de Lúvia, em setembro, e que o médico da família teria recomendado “ares mais saudáveis para a sua convalescença” (FLORESTA, 2001, p.99), ou seja, para a melhor recuperação da jovem.

Outro motivo para a viagem seria uma tentativa de Floresta de se afastar da repercussão negativa gerada pela publicação de *A Lágrima de um Caeté*. Na obra, Nísia se posiciona a favor dos revolucionários praiheiros e ainda denuncia a rígida opressão das forças imperiais fazendo uma comparação com a força empregada pelos portugueses durante a colonização que tentou destruir os povos nativos.

Matthews (2012), no entanto, descarta um autoexílio, mas as críticas ao Colégio Augusto se tornaram constantes e Margutti (2019) aponta uma “campanha difamatória contra o seu colégio nos jornais” (p.18). Portanto, é plausível considerar que com o aumento de críticas a escritora tenha se sentido desconfortável, e acrescentado as recomendações médicas, tenha por fim decidido conhecer o Velho Mundo e experienciar em primeira mão o ambiente teórico que conhecia somente através das páginas.

O Velho Mundo, mas novos ares

A primeira viagem de Floresta à Europa durou de 1849 a 1852, pouco mais de três anos. Apesar da extensa pesquisa de Constância L. Duarte, além das suas chegadas e partidas em diferentes destinos, pouco se resgatou sobre essa viagem. A primeira informação é já de 1850, acerca da publicação de um romance histórico em Niterói, *Dedicação de uma amiga*²⁷.

O romance é considerado o primeiro escrito por uma potiguara, e segue a mesma temática moralista de textos anteriores. Em várias pesquisas é colocado como perdido. No entanto, Silva (2014), afirma que em uma “incansável garimpagem em várias bibliotecas, especialmente europeia” (p.195) conseguiu encontrar o exemplar e completa dizendo que apesar da edição ser de 1850 foi escrito em 1848.

²⁷ Publicado em Niterói, pela Typographia Fluminense de Lopes & Cia, 2.v. 1850.

No ano seguinte, em 1851, Nísia assistiu as aulas do curso de História Geral da Humanidade de Augusto Comte em Paris, e “foi através dos cursos que assistiu no Collège de France que Nísia completou tardiamente sua formação em nível superior” (MARGUTTI, 2019, p.18-9). Pouco tempo depois, Floresta visitou Portugal, onde ficou seis meses antes de retornar ao Rio de Janeiro, em 1852.

O *Jornal das Senhoras*²⁸, na edição de 22 de fevereiro publicou uma saudação ao retorno de Nísia, indicando que a professora era conhecida na sociedade carioca e vista como um modelo a seguir,

“Sentimos vivo prazer em anunciar ás nossas Assignantes a chegada da Sra D. Nizia Augusta Floresta, brasileira, tão conhecida entre nós pela sua inteligência e ilustração; tão respeitada pelo seu longo magistério, há 16 annos, empregado com desvelos na educação de suas patricias; e tão louvável e digna de nossa admiração por sua dedicada constancia ao amor da sabedoria e ao engrandecimento de sua patria (...). Está pois entre nós a Sra. D. Nizia, demos-lhe um abraço de viva amizade e gratidão, em nome do nosso sexo” (Jornal das senhoras, Rio de Janeiro, Tomo 1, 22 de fevereiro, 1852).

No ano seguinte a sua chegada, Nísia Floresta publicou o seu livro *Opúsculo Humanitário* (1853), o livro foi dedicado a seu irmão Joaquim Pinto Brazil, e é composto por “62 capítulos sobre a educação da mulher, dos quais os vinte primeiros tinham sido publicados anonimamente no *Diário do Rio de Janeiro*, nesse mesmo ano” (DUARTE, 2010, p.155). Sobre o livro e seu gênero

“Desde o título, parece recuperar um fio militante e panfletário que era comum aos opúsculos - uma publicação intermediária entre o livro e o jornal. Parte dos documentos de ordem política de então se conservaram sob essa forma, principalmente os de sentido panfletário.” (Ibidem., p.25)

Como já foi comentado aqui, *Opúsculo* é um dos maiores livros de Floresta. Nele, a escritora se propôs a defender a inteligência e capacidades femininas e, para tal, argumentou como as variadas sociedades através do tempo, por não terem se aproveitado e incentivado o desenvolvimento intelectual feminino foram a ruína.

Nísia utiliza de exemplos históricos como as civilizações grega e egípcia, faz uma reverência à ciência desenvolvida por eles, mas afirma que teriam ido mais longe se tivessem cuidado melhor das mulheres. A crítica se repete até os dias contemporâneos

²⁸ O periódico é considerado o primeiro direcionado e dirigido por mulheres, foi fundado em janeiro de 1852, “pela argentina Joana Paula Manso de Noronha, no Rio de Janeiro. Esse periódico circulava aos domingos e possuía seções, como moda, literatura, belas-artes, teatro e crítica” (KROETZ; GAI, 2015, p. 125).

da potiguara, quando ela desaprova a falta de zelo com a educação feminina no Brasil e na Europa. Suas críticas ao ensino brasileiro, no entanto, não são rasas; Floresta utiliza dados coletados sobre a instrução escolar em 1852²⁹ promovidos pelo Império.

Mais adiante será abordado algumas das intenções de Floresta com seu livro. Assim como, as influências para seus “panfletos”, como a teoria positivista criada por Augusto Comte. Floresta e Comte trocaram diversas cartas³⁰ nos últimos anos de vida do pai do positivismo, discutindo os mais variados assuntos. Floresta ainda esteve presente em seu velório na França.

Em seu último ano no Brasil antes de uma longa temporada na Europa, Nísia publicou um poema e duas crônicas na imprensa carioca. Foram eles “Um improviso, na manhã do 1º do corrente, ao distinto literato e grande poeta Antônio Feliciano de Castilho”, “Páginas de uma vida obscura” e “Passeio ao aqueduto da Carioca” (DUARTE, 2010, p.155).

O ano de 1856 marca a ida da brasileira para a Europa, onde ficou por dezesseis anos. Nesta viagem foi acompanhada apenas por sua filha Lívia que não retornou mais ao Brasil. As duas conheceram diversas cidades na Itália, Espanha, Portugal e Alemanha, mas a França parece ter sido o país que cativou as duas mulheres para fixarem residência.

Durante as viagens Nísia continuou produzindo, os diários de viagens. Os escreveu como cartas, sempre dedicadas a algum membro de sua família. Coursou botânica, publicou novamente algumas obras em italiano e francês, presenciou os conflitos da Comuna de Paris³¹ o que a levou a se ausentar da França, e retornar brevemente ao Rio de Janeiro em 1872 (DUARTE, 2010).

Não há muitos registros sobre sua última, e curta, visita ao Rio de Janeiro. Segundo escreveu em suas *Notas biográficas* (2001) passou o seu tempo ao lado da família. Após dois anos retorna à Inglaterra para encontrar com Lívia, e, posteriormente, mãe e filha

²⁹ Duarte (2010, p. 31) cita o “quadro demonstrativo do estado da instrução primária e secundária das Províncias do Império e do Município da Corte, e do Relatório feito à Assembleia Geral por Gonçalves Dias”.

³⁰ “Sete cartas inéditas de Auguste Comte a Nísia Floresta”, no Rio de Janeiro: Centro do Apostolado do Brasil, 1888. “Cartas de Auguste Comte a Nísia Floresta”. (texto original e tradução). *Jornal A República*, Natal, 8/01, 19/01, 24/01, 28/01, 4/02, e 6/02, de 1903. “Auguste Comte ET Mme. Nísia Brasileira”. *Correspondente*. Paris: Libraire Albert Blanchard, 1929” (DUARTE, 2009, p. 123. Apud., SILVA, 2014, p.56)

³¹ Ver Floresta, 2001.

mudam-se para *Bonsecour*, na França, onde Nísia viveu seus últimos dias. Nísia Floresta Brasileira Augusta faleceu no dia 24 de abril de 1885.

No próximo capítulo, será analisado o impacto da educação católica e do positivismo nas obras de Nísia, e como a escritora não aceitou de forma passiva nenhuma das duas filosofias. Em seguida, uma reflexão com base em Mathews (2012), acerca do primeiro livro de Nísia e sua relação com um movimento feminista prematuro.

Capítulo 2: Um possível feminismo

Durante o desenvolvimento deste capítulo serão levantados alguns tópicos de discussão acerca das influências de Nísia e as bases para sua filosofia educacional. O objetivo é promover uma melhor compreensão dos fundamentos teóricos da produção nisiana, assim como revisar algumas posições já enraizadas no tocante a história e a posição de Nísia dentro da história.

Desse modo, o capítulo se inicia com a apresentação de algumas das bases teóricas que influenciaram Nísia, como a filosofia católica tão presente no dia a dia da sociedade ocidental, e conseqüentemente da própria escritora. Em seguida, amparada em outros colegas, os paralelos entre o positivismo e a filosofia nisiana.

Em seguida, serão abordados alguns dos argumentos da pesquisadora Charlotte H. Mathews que em seu trabalho³² recusou a alcunha de “primeira feminista” dada a Nísia Floresta. Assim, um dos objetivos a seguir será propor uma discussão acerca da denominação de Nísia Floresta como a “primeira feminista” brasileira por meio do trabalho dessa pesquisadora.

Entretanto, como a posição mais comum entre os pesquisadores é do uso e reconhecimento do honorífico, faz-se necessário mencionar alguns dos argumentos favoráveis à denominação. E para isso, contamos com Constância Lima Duarte, biógrafa já citada aqui e que mantém a defesa de Floresta como primeira feminista brasileira ao indicar o livro da professora potiguara de 1832 como o fundante do movimento.

Com isso, busco uma reflexão acerca da posição de Nísia como feminista e das articulações necessárias para enquadrá-la nesse movimento. Juntamente de uma melhor compreensão do que Nísia considerava ser o papel social da mulher.

Catolicismo e positivismo

Como já comentado, a educação das jovens no começo do século XIX era composta essencialmente pela aprendizagem de atividades para o cuidado da família e da casa, como costura e operações matemáticas básicas. Essa limitação ocorria porque não se acreditava que as jovens deveriam ou sequer eram capazes de aprender outros temas.

³² *Gender, Race and Patriotism in the works of Nísia Floresta* (2012).

Portanto, o mais prudente seria mantê-las afastadas dos outros estudos, de modo que pudessem se dedicar a atender as necessidades do marido e filhos.

“Tal noção remonta, na filosofia ocidental, à idéia de Aristóteles, de que as mulheres são seres humanos incompletos e insuficientes por natureza, pertencentes a uma ordem completamente distinta da dos homens. Daí que se considerasse a subordinação da mulher como algo "natural", portanto indiscutível, já que socialmente mascarada. É precisamente esse conceito, associado à desvalorização da mulher na relação com o divino, que constitui a metáfora fundamental sobre que se erigiu a civilização do Ocidente.” (FLORESTA, 1989, p. XXVII)

Peggy Sharpe-Valadares no prefácio da edição de *Opúsculo Humanitário* de 1989 afirma que a sociedade ocidental foi estabelecendo o papel social da mulher ao longo de toda a sua formação, mantendo discursos e ações que aprisionavam as mulheres numa mesma posição, sufocando aquelas que tentassem ou indicassem um mínimo desvio à norma. Esse discurso de inferioridade foi tão bem alicerçado que em começos do século XIX a subalternidade feminina é percebida como natural e assim definida por um poder maior.

Em meados do século XIX, um movimento mais encorpado composto por diferentes teóricos e grupos sociais passaram a pedir por mais atenção à educação das mulheres. No entanto, apesar de boa parte dos discursos promovidos passarem a reconhecer a necessidade de as educar para além do que já se fazia, as intenções e justificativas não eram pela independência feminina. Desse modo, a maior parte das investidas não tinha como objetivo promover mulheres intelectuais ou autônomas, ou sequer reconsiderar seu papel nessa sociedade, mas sim esposas e mães com melhores condições de atender aos seus maridos e filhos.

Evidentemente, muitas mulheres durante todo o século, e até anteriormente, advogaram em prol da educação de suas contemporâneas, no entanto, foi somente na virada do século XIX que ocorreu uma consolidação e união dessas vozes. Com propostas de mudança na posição social feminina e reivindicação de direitos básicos que lhe eram negados, a virada do século ficou marcada por uma “revolta coletiva”³³.

“Fundamentalmente, o que sabemos ao traçarmos a história do movimento feminista contemporâneo é que por todo o lado as mulheres se estavam a revoltar contra o sexismo. Quando essas mulheres começaram a encontrar-se e a falar umas com as outras, esta revolta coletiva começou a ser conhecida como “libertação das

³³ Hooks, 2019, p.vii

mulheres” e mais tarde evoluiria e transformar-se-ia no movimento feminista.” (HOOKS, 2019, p.vii)

Apesar de Nísia não ter participado diretamente desses primeiros momentos de troca, ainda que seus últimos anos tenham sido passados na Europa, a escritora leu e entrou em contato com algumas das escritoras que contribuíram para esse começo. Ela mesma deixou sua marca com seus diferentes livros abordando a história das mulheres e o apelo pela sua educação. A sua primeira publicação, inclusive, levou alguns pesquisadores da brasileira a afirmar que a própria seria a primeira feminista brasileira, o que iremos comentar mais adiante.

Antes de discutir sobre Nísia ser ou não uma feminista, é oportuno destacarmos alguns dos fundamentos e filosofias que circularam pelo século XIX e que influenciaram a vida e o trabalho da escritora potiguara. Primeiro, vejamos o que alguns pesquisadores apontam como um dos motivos para um conservadorismo da parte de Nísia, a sua devoção ao catolicismo.

Como já foi dito, Nísia foi educada seguindo os preceitos do catolicismo, como era costume no período. Isso porque as poucas instituições de ensino no Império no começo do século eram majoritariamente conduzidas por ordens religiosas, mesmo anos após a expulsão da Companhia de Jesus. A própria Nísia teve sua formação no Convento das Carmelitas que era uma das instituições mais concorridas da época. Assim, não é de todo modo estranho que se encontre diversas passagens nos trabalhos nisianos que referenciam a igreja católica e sua filosofia.

Por isso, costumeiramente, Nísia é observada como possuidora de discursos conservadores, pois como Duarte definiu ela teria sido “limitada por sua formação religiosa aos ditames conservadores do catolicismo” (FLORESTA, 2015, p.56). Realmente, durante os trabalhos de Nísia são muitas as referências ao cristianismo e a uma divindade superior, sua defesa de um ensino moral caminha lado a lado com o que vinha sendo realizado pela Igreja Católica.

No entanto, a devoção de Floresta não era passiva. E, apesar de outros trabalhos comentarem a respeito das críticas feitas pela escritora, o pesquisador Paulo Margutti³⁴

³⁴ Possui graduação em Filosofia pela UFMG (1967), mestrado em Filosofia Contemporânea pela UFMG (1979) e doutorado em Filosofia pela *University of Edinburgh* (1992), com tese sobre Wittgenstein. Atuou como membro da Comissão de Avaliação de Cursos de Pós-graduação em Filosofia da CAPES, de 1998 a 1999. Coordenou o Comitê Assessor de Filosofia entre 2010 e 2012. Foi professor da UFMG de 1978 a 2006, quando se aposentou na categoria de titular. Em 2013, voltou a trabalhar como professor

em seu livro *Nísia Floresta uma brasileira desconhecida: feminismo, positivismo e outras tendências* de 2019 argumenta que “esse seu catolicismo não era tão ortodoxo” e que “ela adotava posições heterodoxas no interior de sua fé religiosa.” (p.234) Para isso, o pesquisador esquematiza diversas, e, por vezes, duras críticas de Nísia à igreja católica; aqui, salientaremos apenas duas para efeito de exemplo.

O primeiro exemplo é a crítica de Nísia quanto ao celibato imposto aos sacerdotes católicos, numa passagem em *Três anos na Itália* (2018), Nísia resume os problemas dessa imposição, vejamos o que a escritora diz

“Privado da felicidade da família, de que os padres católicos não eram impedidos nos primeiros séculos da Itália, o padre deve olhar, com tristeza, as vantagens incontestáveis do clero protestante sobre o católico romano, desde o concílio de Trento, que está irrevogavelmente a favor de uma luta constante e estéril contra a natureza, tornando um crime ser um homem! Ali, os doces prazeres da família acalmavam as fadigas de um trabalho incessante, regular, ao qual se dedica o pastor envolvido com os deveres de sua missão; aqui, o isolamento do lar, o vazio completo das afeições de esposa, de pai e de todos os santos deveres que daí derivam, a aridez, enfim, de toda a existência, da qual os sentimentos mais importantes devem ser excluídos.” (FLORESTA, 2018, p.346)

Na passagem, Nísia lamenta como a falta da família afeta de forma negativa a vida, e conseqüentemente a atuação como padre. Nísia conclama que essa decisão do Concílio vai contra os primeiros desígnios sagrados do catolicismo e é notável que ela argumente contra essa decisão a partir da própria história da Igreja Católica, reforçando seu vasto conhecimento. Assim, ao impedir o casamento dos padres, o homem com a batina desvia do que seria o caminho natural, e sofre com as conseqüências da falta de balanço em sua vida que a escritora acredita que os pastores teriam.

Para finalizar este tema, uma outra passagem de Nísia

“(…) a propósito dos padres e bispos (...) Que ele governe bem sua própria família, que mantenha suas crianças obedientes e honestas, porque, se alguém não é capaz de educar sua própria família, como poderá conduzir a Igreja de Deus?” (Ibidem, p.347)

Aqui ela traz as palavras do próprio apóstolo São Paulo para reforçar a importância dos benefícios do casamento aos padres. Podemos também observar que ao defender o casamento dos padres, ideia que ainda hoje é vista com maus olhos, Nísia está pensando

na importância e, valorizando a família e seus componentes como uma instituição crucial na formação das pessoas e da sociedade.

O segundo tema para explorarmos é o dogma da confissão que foi abordado por Nísia também em *Três anos na Itália*, mas com diferentes situações. Uma delas é referente a um acidente que a brasileira se envolveu enquanto viajava para Turim³⁵ e que narra dois anos mais tarde no livro. Floresta conta que se deparou com um padre conclamando que os feridos fizessem suas confissões para que escapassem do inferno e entrassem no céu e afirma que

“(...) o pobre moribundo e tantos outros que se encontravam ali estendidos na planície não podiam escutar aquele que lhes falava de inferno e confissão, quando seu último pensamento se voltava, (...) aqueles que amaram! E entregaram a alma ao Criador, que, em sua infinita bondade, os acolherá, acreditavam firmemente, apesar do que dizem aqueles que passam a vida fazendo o mal” (Ibidem, p.271).

Como Margutti (2019) afirmou, para Nísia em “certas circunstâncias, a confissão não é necessária para a salvação da alma, pois ela afirma que as vítimas fatais do acidente foram bem recebidas por Deus, mesmo sem terem se confessado” (p.238).

Vejam agora dois curtos encontros que envolvem a confissão de jovens moças e o que Nísia julgava ser o correto. No primeiro episódio, um bispo italiano pensava em adotar o livro *Conselhos a minha filha* (1842) para sua diocese, mas ele pediu a Nísia que revisse a passagem que indicava as jovens moças a não terem segredos para com suas mães e a elas confessassem tudo. Como a própria diz, o bispo “pareceu, em princípio, um pouco chocado”, e ela indagou do porquê deveria o “padre ser o único depositário do segredo das almas”³⁶.

Antes de comentarmos, vejamos a última situação que complementa a anterior. Num outro momento, Lívia, a filha da brasileira, é interpelada por um padre que deseja ser o “seu confessor em Roma”, no entanto, a jovem responde dizendo que assim não deseja. O padre surpreendido com a resposta de Lívia questiona a escritora brasileira o porquê da negativa, o que ela responde

³⁵ A viagem referida é descrita por Nísia dois anos após o acontecido, no entanto, a autora afirma ainda ficar abalada com os eventos. O acidente, segundo Floresta, ocorreu por conta de falha de comunicação o que levou a dois trens em direções opostas colidirem, ocorreram muitas mortes e Nísia ficou com muitos ferimentos. A narração de Nísia é bem detalhada e um tanto comovente, ela faz questão de comentar como ficou abalada com o episódio e como somente desejava rever a filha o mais rapidamente possível, mas sem dar-lhe detalhes de seu real estado.

³⁶ FLORESTA, 2018, p.352.

“Os porquês são algumas vezes bem difíceis de explicar, senhor. Além disso, em matéria de consciência deve-se deixar toda a liberdade ao espírito. Felizmente não estamos mais no tempo do famoso *Santo Officio*, completei rindo, esta criança não me será tomada por conta de sua sinceridade”. (LÚCIO, 1999, p.49. Grifos do original.)

Em ambas as situações Nísia demonstra que “ela acredita no direito que uma pessoa tem de confessar-se quando e a quem o quiser, podendo talvez ficar restrita ao próprio exame de consciência, sem estar necessariamente presa aos rituais católicos”³⁷. Ressaltamos que Nísia não repreende a filha, ao contrário, garante que não há necessidade de ela confessar, se não se sente confortável.

Percebemos que Nísia defende uma forte relação entre mãe e filha, até mesmo mais importante que a mantida com sacramentos religiosos, justificando que a figura materna é “a guia mais interessada em sua felicidade, possa melhor dirigi-la, levando-a a evitar, por sua própria experiência, os obstáculos que podem causar perigos.”³⁸ Nísia, ainda nos mostra como não escondia suas convicções e as defendia, visto que o bispo italiano repensou e aceitou a defesa da brasileira, adotando seu livro sem alterações.

Continuando com as bases teóricas que influenciaram a Floresta, vejamos agora a que, sem dúvidas, é a mais comentada na obra nisiana, o positivismo. No capítulo anterior comentamos que a professora em sua primeira viagem à Europa assistiu uma aula do próprio Augusto Comte, e alguns anos depois foram amigos de pena. Desse modo, muitos consideram que a filosofia comteana adquiriu espaço em Nísia por conta de suas aproximações com o catolicismo, não sendo de todo estranho a brasileira.

Comentando sobre o conteúdo e as reivindicações de Floresta, em artigo de 2012, Rosa discorre sobre os paralelos entre as duas filosofias, traçando uma característica da própria Floresta, pois, como já destacado, a escritora tinha intenso apreço pela instituição familiar e seu papel na sociedade, vejamos o que diz a pesquisadora

“A família dá o paradigma à sociedade, os rumos para a civilização, e esse é um pensamento que encontramos no positivismo comteano, que se relaciona com as tradições religiosas (em Nísia Católica) e patriarcais.” (ROSA, 2012, p.525)

Outros pesquisadores também apontaram os paralelos entre a filosofia nisiana e o positivismo, de modo geral, a filosofia desenvolvida por Augusto Comte é percebida como outra veia conservadora da professora. Duarte (2015), por exemplo, afirma que

³⁷ MARGUTTI, 2019, p.236.

³⁸ FLORESTA, 2018, p.352.

“ao se deixar contaminar por ideias moralistas (...) ou mesmo pelo pensamento positivista”, Nísia “termina por contribuir não para a ampliação do universo feminino, mas, ao contrário, para uma nova delimitação do papel da mulher (...)” (p.57).

Não iremos aqui entrar em largos detalhes sobre a filosofia desenvolvida por Augusto Comte, o positivismo, basta-nos entender os principais paralelos com a filosofia nisiana, ou seja, o que Nísia incorporou da filosofia francesa em sua própria. Pois, como muitos dos colegas, é de nossa defesa que a brasileira não adotou completamente a “religião da humanidade”. No entanto, a efeito de elucidação vejamos a síntese do que Comte objetivava feita por Peggy Sharpe-Valadares no prefácio de Opúsculo Humanitário³⁹

“Comte viu a difusão do pensamento científico e a atividade industrial como uma contradição ao pensamento teológico e militar do passado. Para ele, a única maneira de superar essa crise seria criar uma nova ordem social que valorizasse o pensamento científico. Nesse rumo elaborou o seu sistema de ideias científicas, que, segundo acreditava religiosamente, iria presidir à reorganização geral da sociedade. No conjunto de suas ideias, Comte enfatiza a igualdade das relações familiares (...)”. (FLORESTA, 1989, p.xxiv)

Com os objetivos do positivismo em vista, podemos nos deter no que foi incorporado na filosofia nisiana. Não podendo ser diferente, visto que era o tema principal e mais recorrente de Floresta, é quando Comte aborda e define a posição social das mulheres que percebemos um interesse e real aproximação dos dois filósofos, pois, como bem destacou Duarte “foi uma adesão bem limitada,” visto que “a defesa da abolição, do moralismo, da educação feminina, por exemplo – eram bandeiras que extrapolavam os ditames positivistas e pertenciam também a outras correntes de pensamento”.⁴⁰

Deste modo, por mais que existam outras semelhanças de pensamento, e que de forma alguma devem ser desprezadas, elas não acrescentariam ao debate aqui proposto e extrapolam os limites deste trabalho. Por isso, o enfoque é nessa ênfase “das relações familiares”, do papel que a mulher positivista deveria empregar para colaborar com o avanço da sociedade. Começamos então, com uma passagem de Comte:

“(...) há muito que fui levado a pensar que delas [mulheres] depende sobretudo o advento decisivo de solução (...). Em primeiro lugar, seria

³⁹ Edição realizada pelo INEP publicada em 1989 que conta com além do prefácio, introdução e notas da pesquisadora.

⁴⁰ FLORESTA, 2015, p.57.

absurdo pretender pôr termo sem elas à mais completa das revoluções humanas, quando é sabido que as mulheres contribuíram profundamente para todas as renovações anteriores. A repugnância instintiva que elas sentem pelo movimento moderno bastaria para torná-lo estéril, se realmente tal repulsão fosse invencível. (...) Só depois de houver assaz vencido estas resistências femininas é que a religião positiva poderá desenvolver suficientemente, contra os principais partidários das várias doutrinas atrasadas, a reprovação decisiva que merece a inferioridade mental e moral deles.” (COMTE, 1996, p. 109-110, Apud, ROSA, 2012, p.37).

É indiscutível que há um elogio às mulheres no discurso de Augusto Comte, mesmo que seguido de uma certeza conservadora de que as mulheres têm “repugnância” ao tal “movimento moderno”, que poderíamos entender como as disputas narrativas que ocorriam no século XIX, demonstrando que apesar do elogio, ainda percebia nas mulheres um ser apático e que precisava do guia correto, para ele, o seu positivismo.

No entanto, no meio disso, o filósofo consegue reconhecer que há uma necessidade de participação feminina, que elas podem e deveriam estar desempenhando um papel na construção dessa sociedade melhorada. Esta defesa, como já comentado, é algo um tanto inédito para o período, ainda mais de forma tão explícita. Desse modo, não é difícil supor que Nísia, uma jovem senhora que sempre defendeu a educação feminina, tenha se aproximado da filosofia.

Recorrendo mais uma vez ao estudo de Valadares percebemos que o modelo nisiano para as suas contemporâneas em muito se assemelha com as propostas comteanas. Ambos percebiam na figura feminina o ponto de equilíbrio da moralidade familiar, repousando nela o dever de cuidar e direcionar no caminho certo. Um caminho de moralidade, progresso e baseado na ciência. Este último, marcando a necessidade de se educar as jovens que viriam a tornar-se mães da sociedade, pois, sem uma educação de qualidade não conseguiriam exercer o seu dever de pilar familiar.

“Do positivismo e do utilitarismo provêm algumas idéias-mestras que ela incorporou a sua crítica: por exemplo, a idéia de utilidade, o conceito de ser a natureza feminina igual à do homem, a da atuação da mulher na esfera pública, e a de desenvolver e aproveitar a habilidade intelectual da mulher para edificar uma sociedade melhor e fortalecer as relações familiares.” (FLORESTA, 1989, p. xxviii)

A pesquisadora Rosa (2012) ainda acrescenta que dentro de ambos os discursos, ainda estavam presentes algumas concepções higienistas, onde “a educação moral iria contribuir para formar cidadãos com bons hábitos higiênicos e com boa aparência” (p.37), ressaltando uma visão comum do período, em que os males físicos e estruturais

da sociedade ocidental poderiam ser resolvidos por meio da limpeza das cidades e dos corpos.

Assim, enfatizamos que a aproximação entre a brasileira e o francês não foi sem críticas de ambos os lados. Como em outras áreas e momentos de sua vida, Floresta encorpou os aspectos que lhe pareciam ser mais adequados e demonstrou força em suas convicções. Sua adesão ao positivismo não foi completa como o próprio Augusto Comte percebeu e discorreu em carta no ano de 1857:

“Ambas [Nísia e Lúvia] são eminentes pelo coração e suficientes quanto ao espírito. Acha-se, contudo, a mãe de tal modo imbuída dos hábitos do século dezoito, que pouco devemos esperar da plenitude de sua conversão, embora as suas simpatias remontem ao meu curso de 1851, cuja influência ela não pôde, entretanto, receber senão através de uma única das sessões... Sua filha, porém, comporta uma incorporação completa, que a mãe secundará sem rivalidade disfarçada.” (LINS, 1964, p. 21, Apud, FLORESTA, 1989, p.xxvi)

E, apesar do filósofo não acreditar que Nísia irá adotar completamente sua religião, ele demonstra grande apreço pela brasileira e sua filha Lúvia que a altura estava com seus 22 anos. A recusa de Nísia pode ser explicada, curiosamente, pelo próprio catolicismo, pois embarcar completamente no positivismo seria renunciar à sua fé. E, mesmo com suas críticas, como mostramos, era um passo demasiado ousado para alguém que fora criada e devota por toda uma vida.

Por fim, comentamos aqui as duas maiores influências filosóficas de Nísia, aquelas que acreditamos ser de maior contribuição a este trabalho, mas também presentes na vida e textos nisianos. Fizemos também questão de evidenciar que a brasileira não foi uma observadora que apenas absorveu o que lhe ocorria, mas criticou e julgou o que lhe era pertinente. Seguimos agora para uma discussão sobre seu trabalho e sua posição como feminista.

Direito, traduções e constância

Constância L. Duarte⁴¹ tem sua formação na área de Letras com enfoque em literatura brasileira, em particular nas produções literárias de autoria feminina, assim como na crítica feminina. Algumas de suas publicações são *Mulheres de Minas: lutas e*

⁴¹ Graduou-se em Letras pela Universidade Federal de Minas Gerais, mestrado em Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, e doutorado em Literatura Brasileira pela Universidade de São Paulo. Cumpriu programas de Pós-Doutorado na UFRJ e UFSC (2002-2003).

conquistas (2008) e *Imprensa feminina e feminista no Brasil - Século XIX: dicionário ilustrado* (2016)⁴², além de diversas contribuições em palestras e grupos de estudos como o Centro de Estudos Literários e Culturais, da UFMG.

Paralelamente, Duarte desenvolveu uma longa, mas necessária pesquisa de campo sobre Nísia Floresta. A biógrafa percorreu diversas cidades no Brasil e na Europa, visitando arquivos e bibliotecas em busca de documentos e trabalhos produzidos sobre e pela própria Nísia. Numa jornada de mais de trinta anos, Duarte publicou e colaborou em dezenas de projetos sobre Floresta e seus escritos.

Dentre as publicações é preciso citar sua tese de doutorado *Nísia Floresta: vida e obra* defendida em 1991 e publicada pela editora EDUFRN em 2008. Lamentavelmente, não foram feitas reedições tornando o livro de difícil acesso. Outra publicação igualmente rara e fruto do esforço da biógrafa é *Inéditos e Dispersos de Nísia Floresta*, publicado em 2009.

No livro de 2009, Duarte reuniu todas as publicações que encontrou de Floresta, algumas das quais só foram republicadas neste exemplar, como *Fany ou o modelo das donzelas*, *Discurso que a suas educandas dirigiu* e *A Lágrima de um Caeté*, o que mais uma vez dificulta tanto as pesquisas sobre a escritora e análises sobre suas obras como o acesso em primeira mão a produção de Floresta por mais leitores.

No entanto, também é preciso reconhecer o esforço que vem sendo feito de tornar Floresta mais (re)conhecida e que conta tanto com a colaboração de Duarte e outros colegas como o desejo de conhecer escritoras como Nísia Floresta. A própria Duarte em entrevista realizada em 2020 para a Revista Jangada afirma que

“Os estudos envolvendo a mulher, a literatura e as artes, em geral, estão hoje na ordem do dia nas universidades brasileiras e em muitas estrangeiras. (...) E a tendência de expansão dessa linha de trabalho é inegável, basta observar o número crescente de livros publicados, dissertações e teses que a todo momento são defendidas.” (BARROCA, 2020, p.169)

Sobre a escritora potiguara pode ser destacado o livro *Nísia Floresta* (2010) escrito pela própria Constância L. Duarte que faz parte da Coleção Educadores do MEC. A

⁴² “Este dicionário apresenta uma extensa cartografia, que vai de norte a sul do país, por meio da qual a autora expõe, (...) o eficiente papel de mapa e guia norteador de novas pesquisas, contribuindo, assim, para o preenchimento de lacunas acerca da história da mulher brasileira, especialmente no que diz respeito à busca pelos direitos, à possibilidade de construção de identidades femininas e à visibilidade subjugada por que buscam, há séculos, as mulheres.” (BARROCA, 2020).

coleção destinada à promoção da formação continuada de professores do sistema públicos reuniu autores brasileiros e estrangeiros que contribuíram e influenciaram a educação brasileira. Os livros da coleção foram distribuídos por todo o território nacional e é certamente significativo e justo que Floresta tenha sido escolhida para estar na coleção.

A obra, escrita por Duarte, reúne diversas informações sobre a vida pessoal da escritora, sua sociedade e tempo. Além de repercussões de sua obra ao longo dos anos, uma intensa e detalhada análise da pesquisadora acerca das produções nisiaiana, uma cronologia de sua vida e por fim algumas de suas obras. E, embora o livro não tenha sido comercializado, atualmente ele é de fácil acesso visto que se encontra sob Domínio Público, o que foi essencial para esse trabalho.

Outras publicações dignas de nota são *Nísia Floresta: Uma mulher à frente do seu tempo* (2015) que reúne além de informações sobre a vida e obra de Floresta com uma apresentação feita por Duarte é uma reedição de *Direitos das mulheres e injustiça dos homens*. O livro *Três anos na Itália – Seguidos de uma viagem à Grécia* (2018), uma reunião de cartas escritas a seus familiares narrando os acontecimentos de sua viagem. E por fim, mais recentemente pela editora Blimunda foi republicado mais uma versão de *Opúsculo Humanitário* (2021), novamente sob colaboração de Duarte.

Ao buscar as obras e trabalhos sobre Floresta foi perceptível o papel crucial de Constância Lima Duarte, por isso, reafirmo mais uma vez a necessidade de dar atenção às considerações feita pela pesquisadora a respeito do papel desempenhado por Floresta e suas obras no começo do século XIX.

Constância Lima Duarte afirma que Nísia Floresta não somente fez parte dos primeiros passos do movimento feminista como o inaugurou em terras e imprensa brasileira ao publicar o livro *Direito das mulheres e injustiça dos homens* em 1832. Como já vimos, Pallares-Burke fez uma detalhada análise da “tradução livre” de Floresta e constatou que o livro não é tradução da famosa obra de Mary Wollstonecraft, mas sim do tratado de Sophia inspirado por Poulain de La Barre.

Em 2015 a Fundação Ulysses Guimarães republicou a obra *Direitos* e convidou Duarte para fazer a apresentação do livro. Nele, a pesquisadora reconhece que o texto de Nísia era mais livre do que previamente havia imaginado e afirma que sim, Floresta ao escrever *Direitos* tinha outras influências para além de Wollstonecraft, reconhecendo

tanto Sophia como La Barre como uma delas. No entanto, para Duarte, a escritora inglesa ainda é a figura central traduzida, indicando as suas ideias como o motor de inspiração para a obra.

Desse modo, a pesquisadora não concebe o texto como uma tradução fidedigna como indicado no estudo de Pallares-Burke, ou somente como uma “tradução livre” com pequenas mudanças para melhor soarem ao leitor. Mas, entende como um texto novo onde são reformuladas e adequadas às suas influências de modo que contenham “uma intencionalidade”, de modo que revelem “o projeto pessoal e político da autora: o de interferir na sociedade de seu tempo” (FLORESTA, 2015, p.13).

Charlotte Hammond Matthews publicou o livro *Gender, Race and Patriotism in the works of Nísia Floresta* em 2012 sob o guarda-chuva da coleção *Monografias*⁴³ que busca promover novos estudos sobre as culturas Latino-americanas e da Península Ibérica, com objetivo de abrir espaço para novos ou pouco utilizados métodos e teorias na área.

O livro é dividido em seis capítulos e logo o primeiro é dedicado inteiramente à questão da tradução. No capítulo intitulado “*The ‘Translator off Wollstonecraft’*”, Matthews apresenta a tese de Pallares-Burke sobre a tradução, assim como a resposta de Duarte. No entanto, ela acrescenta a sua própria análise dos textos e articula uma série de indagações sobre a “travessura” de Floresta, expondo proximidades nos argumentos das outras autoras.

Como já comentado, a historiadora Maria Lúcia Garcia Pallares-Burke constatou que o primeiro livro de Nísia não era a tradução livre da obra *Vindication of the rights of Woman* e sim literal de *Woman not inferior to man*. Apesar de reconhecer a boa tradução feita, a historiadora aponta algumas discrepâncias entre as versões que comparou, o que possibilitaria margem para os argumentos de que Nísia fez uma apropriação do texto transformando-o em outro.

No entanto, segundo Matthews, na época em que escreveu o livro, Nísia Floresta era fluente em francês e possivelmente conhecia o italiano, mas dificilmente o seria em inglês a ponto de fazer uma tradução, mesmo que “livre”. O detalhe constatado pela pesquisadora é crucial, pois ao comparar a versão francesa do texto de Sophia com a

⁴³ A coleção, assim como o livro de Matthews, estão sob o selo da marca britânica *Tamesis* que por sua vez faz parte da editora *Boydell & Brewer*.

tradução feita por Nísia, percebeu que a maior parte das supostas mudanças e pequenos erros na verdade foram realizados durante a tradução do inglês para o francês.

Ou seja, Matthews reafirma a tese de Pallares-Burke ao concordar que a tradução de Floresta não é de um texto de Mary Wollstonecraft e sim de Sophia, mas, vai além, ao indicar que a tradução é ainda mais fiel do que o descrito pela historiadora, de modo a eliminar as suposições que Floresta teria adequado o original ao seu cenário social.

Mais uma vez, afirmado que o primeiro livro de Nísia Floresta não é um texto original, outras perguntas são levantadas como o porquê de a professora ter indicado que seria uma tradução livre, ou ainda que seria da britânica Wollstonecraft. Respostas mais conclusivas ainda não surgiram, mas algumas suposições são de comum acordo, como a que Floresta não tinha a intenção de passar como a real autora do texto.

Segundo Matthews, os argumentos das outras duas pesquisadoras se aproximam quando tentam responder o porquê da indicação de Wollstonecraft como autora do original traduzido. Para ambas, Floresta teria conhecimento suficiente da escritora britânica para perceber que ao colocá-la na capa atrairia mais leitores, e consequentemente atenção ao livro e suas ideias do que com o nome de Sophia ou o seu próprio.

Enquanto ambas partem do pressuposto que Nísia conhecia o texto original de Wollstonecraft, Matthews explora outros caminhos. Um no qual a jovem Floresta pode não ter lido a filósofa britânica, mas pensou que o estava. Essa conjectura considera que o exemplar francês encontrado e lido pela brasileira deveria estar desgastado, o que dificultou ou impossibilitou completamente a identificação da autoria, ou ainda

“It is even possible to imagine that a bookseller, either in France or Brazil, keen to enhance the saleability of his stock, might have roduced a new cover stating the original author to be Wollstonecraft. In this case Floresta could have translated a text which had been presented to her as the work of the famous English writer.”
(MATTHEWS, 2012, p.22)

Duarte, no entanto, opta por não reconhecer as diferenças e igualdades entre os textos e mantém a afirmação que Nísia foi a

“precursora do feminismo no Brasil (e talvez até mesmo da América Latina), pois foi o primeiro [livro] a falar do direito das mulheres à instrução e ao trabalho, e a exigir que as mulheres fossem consideradas seres inteligentes e merecedores de respeito”
(FLORESTA, 2015, p.10).

De modo a não promover injustiças, há sim, uma parte no livro publicado por Floresta que são de sua autoria, a dedicatória. A escritora o dedica às suas companheiras “patricias” e à “mocidade acadêmica”, ou seja, as jovens moças e os jovens estudantes de direito. No entanto, no texto não há clamores por revoluções ou mudanças na sociedade, pelo contrário, Nísia pede aos acadêmicos que quando em seus cargos

“algum dia nas horas vagas de vossos altos ministérios, lançareis vistas de justiça sobre nosso sexo em geral, se não empreender uma metamorfose na ordem presente das coisas, ao menos para conseguirmos uma melhor sorte, de que não duvidareis, somos dignas.” (Ibidem, p.111)

Assim, como Matthews direciona, não são as ideias revolucionárias que aparecem no texto de Sophia que mais influenciaram Nísia, e sim sua conclusão onde se contenta com o reconhecimento da inteligência feminina. É perceptível que é realmente esse desfecho que contagia Nísia, pois ela faz questão de mencioná-lo na dedicatória, mas também porque é nesse mesmo tom que anos mais tarde vai concluir sua obra *Opúsculo Humanitário*.

Desse modo, mesmo que por um segundo ignorássemos que a tradução de Floresta não é do texto de Sophia, e que há contribuições suas no texto de Wollstonecraft, teríamos ainda assim um texto que apesar de fluir com ideias radicais para a época ele não aponta para uma revolução, ou mesmo pequenos combates por parte das mulheres, mas sim para um oportuno reconhecimento da capacidade intelectual decorrente da ação masculina.

Por fim, pudemos apreender que Nísia Floresta foi uma exímia tradutora, uma mulher com gosto por leitura e desde muito cedo preocupada com a educação de suas companheiras femininas. No entanto, esse interesse não pode ser base para a definirmos como feminista, e menos ainda como a pioneira do movimento em terras brasileiras.

Capítulo 3: Análise do modelo nisiano

Neste último capítulo será desenvolvido uma pequena análise acerca das características propostas e aplicadas por Nísia Floresta às jovens moças de seu tempo. A análise será ancorada no estudo da pesquisadora Graziela R. Rosa que definiu o modelo de mulher proposto por Floresta como “matrona esclarecida”.

Desse modo, o objetivo será expor algumas dessas características levantadas por Rosa que implicariam num modelo a ser seguido. Para tal, faremos uso da pedagogia nisiana, ou seja, suas publicações que possuem como tema principal a educação, seja discutindo a necessidade de uma educação para as mulheres, criticando a vigente ou ainda os que foram escritos e publicados para servirem de auxílio e instrução educacional as jovens mulheres, em particular, no Colégio Augusto.

As obras trabalhadas já foram todas previamente mencionadas nesse trabalho, no entanto, umas mais que outras ainda merecem alguns comentários acerca de suas narrativas e do estilo nisiano. Não é de intuito pretender esgotar o tema explorando todas as possibilidades que circundam Floresta e suas obras, e por conta do espaço e tempo deste trabalho as escolhas das obras de Nísia foram limitadas. Portanto, passaremos por *Opúsculo Humanitário* (1853), *A mulher* (1859) e *Fany, ou o modelo das donzelas* (1847).

“Matrona esclarecida”

A pesquisadora Graziela R. Rosa desenvolveu o trabalho *Transgressão e moralidade na formação de uma “matrona esclarecida”: contradições na Filosofia de Educação nisiana* (2012) com o objetivo de analisar os textos que compõem a pedagogia nisiana⁴⁴ de modo a identificar e caracterizar a educação que Nísia oferecia em seu Colégio Augusto, assim como a sua concepção do papel social da mulher. Para isto, Rosa (2012) buscou analisar a filosofia dos trabalhos nisianos, passando por suas características literárias e teóricas e por fim apontando aquilo que Nísia desejava as suas contemporâneas.

⁴⁴ Os textos selecionados por Rosa para comporem sua análise foram “(1) *Máximas e Pensamentos* (1832); (2) *Conselhos à minha filha* (1842); (3) *Discurso que às suas educandas dirigiu Nísia Floresta Brasileira Augusta*; (4) *Fany ou o modelo das donzelas* (1847); (5) *Opúsculo Humanitário* (1853); (6) *A Mulher* (1859) (7) *Um passeio no Jardim de Luxemburgo* (1997c)” (ROSA, 2012, p.40).

O termo “matrona esclarecida” foi escolhido por Rosa para representar todas essas características desejadas por Floresta e que estão presentes em seus diversos textos. O próprio termo foi emprestado de uma passagem da escritora quando elogiava a sociedade alemã e seu tratamento para com as mulheres.

“Os alemães, mais entusiásticos que fanáticos, mais pensadores que galantes, concederam à mulher privilégios reais, baseados na educação sólida desse povo por demais profundo e morigerado para compreender toda a importância da mãe de famílias, da matrona esclarecida edificando os filhos e o sexo com exemplos de uma sã moral, derramando em tomo deles as luzes de um espírito reto e superior, os efeitos de um coração formando e generoso.” (FLORESTA, 1989, p.17)

A “matrona esclarecida” é então esse modelo de mulher tão procurado por Nísia em suas viagens e publicações, é a reunião das melhores qualidades humanas na imagem de uma figura, a mulher. Desse modo, Rosa (2012) dá um novo emprego ao termo, utilizando-o como definição para o modelo desenhado por Nísia, aquele que ela desejava que suas estudantes alcançassem. Assim, a “matrona esclarecida” é a representação daquela “que com seus exemplos morais auxilia na educação da humanidade” (ROSA, 2012, p.33)

As características da “matrona esclarecida” são fornecidas por Nísia ao longo de seus trabalhos conforme ela promove críticas aos modelos vigentes, tanto brasileiros como estrangeiros. Nesse modelo ela promove a sua concepção de mulher ideal e do papel que ela deve desempenhar na sociedade. Se voltarmos à citação acima já percebemos uma ideia do que Nísia concebia. Ela elogia o comportamento da sociedade alemã, mas não qualquer ação, Nísia é explícita, é o reconhecimento que essa sociedade presta às suas mães e ao seu trabalho como educadora exemplar que a agrada e é digno de elogios.

Esse elogio às mães, as “matronas”, são recorrentes nos trabalhos nisianos, são a partir deles que temos um vislumbre do modelo de mulher nisiana, e assim, da educação transmitida às alunas do Colégio Augusto. Um vislumbre, pois, ainda não foram encontrados documentos da escola como planejamentos de aula, atas ou qualquer outro capaz de fornecer uma noção mais específica de sua prática pedagógica.

Rosa (2012), Silva (2014) e alguns outros pesquisadores comentam ainda sobre um Estatuto do Colégio Augusto descrito no trabalho de Adauto Câmara, *História de Nísia*

Floresta (1997). O escritor teria acessado o documento por intermédio do político potiguar Henrique Castriciano que nutria admiração pela escritora.

No entanto, mesmo após diferentes buscas o documento ainda não foi encontrado. O que sabemos pela descrição de Câmara (1997) é que as alunas eram divididas entre internas, semi-internas e externas e o preço das matrículas variava conforme a modalidade da matrícula além de algumas regulamentações, segue um trecho

“(…) Trata-se de regulamento muito minucioso. As internas teriam que levar bacia de rosto, vaso de noite, etc; as externas, cadeiras e livros. O método direto em Francês era de rigor. Entre os castigos, havia a prisão, ficar uma hora de pé, ficar privada do ‘sueco do sábado’. Para meninas que chegasse ao Colégio contando episódios passados em casa, punição severa. Menina que, à noite, quando se despia para dormir, não se portasse como decência neste ato, era castigada exemplarmente, podendo até ser “expelida” do Colégio. Havia educação religiosa. À noite, quando se recolhiam as internas, uma ‘tirava’ o padre-nosso, etc., que as outras repetiam” (CÂMARA, 1997, p. 39, Apud. ROSA, 2012, p.177-8).

A descrição do possível regulamento condiz com as normas da época. Não era estranho para aquela sociedade, e em verdade até pouco tempo, que as crianças precisavam ser punidas, até mesmo, e inclusive, fisicamente em ordem de aprender. Outro detalhe na regulamentação é a proibição de comentários “passados em casa”, salientando uma intensa divisão entre o ambiente familiar e o escolar. Podemos supor que essa regulamentação existia para impedir comparações entre as jovens, ou ainda para manter um ambiente com o mínimo de distrações possíveis das jovens e seus estudos.

Por fim, Rosa (2012) comenta sobre as restrições impostas às meninas e como isso caracteriza uma limitação em suas formações e nos papéis sociais que elas poderiam mais tarde vir a desenvolver. Esse elemento é uma das contradições no discurso nisiano, pois apesar de advogar em prol da inteligência feminina e até reconhecer que seriam capazes de exercer cargos públicos, a sua prática não estimulava a independência feminina.

Aqui talvez seja válido relembrar que a própria formação de Floresta se deu num período conturbado, logo após a expulsão dos jesuítas e com pouquíssimas intervenções governamentais. Portanto, sem um sistema unificado ou tão pouco um conjunto de regras, sua educação foi marcada pelos ensinamentos familiares e religiosos que priorizavam as boas virtudes e a obediência feminina. É evidente que a educação focada

na construção do caráter e comportamento passivo marcou a potiguara de tal maneira que posteriormente a incorporou em sua própria pedagogia.

Desse modo, por mais que Nísia criticasse a precariedade do ensino e quebrasse algumas barreiras como a inclusão do ensino de diferentes idiomas ou das atividades físicas, ela não se desvencilhou de outras concepções mais arraigadas como a importância da moralidade feminina. Portanto,

“(...) ela educava as meninas com base numa austera moral, e nada mais fez do que condicioná-las a desempenhar os mesmos papéis que era justificado a partir de sua natureza, de reprodutoras e seres afetivos. O uso da razão era voltado para parir, criar crianças e trabalhar para os homens no espaço doméstico, contribuindo para que esses desempenhassem os seus papéis como legítimos cidadãos.” (ROSA, 2012, p.121)

Mães, esposas, mulheres, Matronas

Com fins de melhor elucidarmos as características propostas e ensinadas por Nísia, assim como do termo que tomamos emprestado de Rosa, apresentarei brevemente outros momentos da literatura pedagógica nisiana que evidenciam alguns dos principais atributos requeridos pela professora potiguara. Vejamos então quanto aos tipos de maternidade e esposa e conseqüentemente, mais uma peça de sua “matrona”, a partir dos textos *A mulher* (1859) e num curto trecho de um dos capítulos de *Opúsculo Humanitário* (1853).

O ensaio *A mulher* foi publicado pela primeira vez em sua versão italiana no livro *Scintille d' un anima brasiliana* em Florença no ano de 1859. Posteriormente em 1865 foi publicada a tradução de *A mulher* para o inglês feita por Lívia A. de Faria, filha de Nísia. A sua versão em português foi editada por Duarte e publicada em sua tese *Nisia Floresta: vida e obra* (1995), enquanto a versão em inglês foi publicada em artigo de Peggy Sharpe no mesmo ano⁴⁵. Por fim, em 1997 foi traduzido e publicado em sua totalidade *Cintilações de uma alma brasileira*⁴⁶.

⁴⁵ A versão utilizada aqui é a tradução inglesa de Lívia num artigo de Peggy Sharpe de 1995 e como informado pela escritora foi disponibilizado a ela por Constância Lima Duarte para que ambas prosseguissem com suas pesquisas. A escolha se deu pela disponibilidade da versão inglesa em favorecimento da brasileira.

⁴⁶ O livro foi publicado com tradução de Michele Vartulli. Atualização do texto, estudo crítico e notas de Constância L. Duarte. Florianópolis pela Editora Mulheres, EDUNISC. Assim como outras obras de ou sobre Floresta o seu acesso ainda é difícil.

A princípio o ensaio aparenta ser uma descrição da visita que Nísia fez acompanhada de uma amiga a uma vila próxima da cidade de Paris, na França. No entanto, os eventos transcorridos na vila por mais que “enojantes” como a própria Nísia descreveu funcionam como porta de entrada, ou ainda, justificativa para mais uma vez levantar discussão do que ela acredita ser a importância da mulher.

Resumidamente, a viagem acontece em ordem de visitar o neto da amiga de Nísia cuja filha havia falecido. No entanto, durante a visita descobrem que a criança está sendo negligenciada pela família acolhedora, e enquanto, a avó da criança retorna a Paris para intervir com o pai do menino, Floresta decide continuar alguns dias na vila para como a própria disse aproveitar da sua estadia e “studying these customs better, which, though repulsive, interest me” (SHARPE, 1995, p.95).

Os costumes a que ela se refere são das famílias ricas que enviavam os recém-nascidos para pequenas vilas a fim de que fossem amamentados e cuidados nessa primeira infância por famílias de camponeses. Nísia narra que apesar de já ter ouvido falar do costume não imaginava que a situação encontrada seria da maior negligência e descaso para com as necessidades básicas das crianças.

A negligência ocorria tanto por parte das famílias camponesas atarefadas com sua intensa rotina de trabalho e que não proviam de tempo para lhes assistir, mas também dos próprios pais que não faziam visitas regulares e por vezes deixavam completamente de enviar o pagamento e assistência financeira às crianças como a própria Floresta nos informa. Nísia relata ainda algumas conversas com as amas e crianças da vila a respeito de situações ocorridas, num momento particular a escritora deixa transparecer o que pensava desse costume

“A child, or rather a dying thing, yellow as saffron, was lying there in filthy clothes. He was pining away pitifully amidst that good country air, which I heard so often praised by parisian mothers, their usual pretence for sending their children away from them, not knowing that the air the mother breathes is the one that agrees best with the children!” (SHARPE, 1995, p.97)

Nísia fica horrorizada com a situação em que as crianças são mantidas, mas mais do que isso ela condena as mães que deixam seus filhos nessas condições. Podemos perceber um tom evidente de sarcasmo em Floresta, ela comenta dos “ares do interior” ser a justificativa comum e plenamente aceita, pois seriam “ares” mais benéficos que os das cidades.

No entanto, Nísia logo indica que além da insalubridade dos lares e o pouco cuidado ao qual as crianças são acometidas, é nos braços das mães que as crianças irão melhor se desenvolver. Desse modo, Floresta, que era uma defensora das atividades práticas para crianças e inclusive as moças, argumenta que se a criança não for cuidada pela mãe de nada útil a educação e criação desses pequenos serão os tais “ares do interior”.

Logo em seguida, Floresta explica que não julga as amas das vilas; na verdade, Rosa (2012) salienta que Nísia não demonstra muita preocupação com a precária situação dessas mulheres. De fato, apesar de Nísia reconhecer a rotina de trabalhos com a casa e a necessidade de todos os membros da família trabalharem por sua subsistência, o relato da escritora não avança em analisar esses problemas ou mesmo fomentar críticas ao porquê dessas situações. Assim, Floresta, reconhece a rotina de trabalho diferenciada dessas mulheres, mas não dedica atenção às suas histórias.

Isso porque a preocupação de Floresta em narrar esse episódio é fazê-lo exemplo de suas críticas ao modo pelo qual as mulheres burguesas continuavam sendo tratadas no decorrer dos anos. Pois, para a escritora, esse costume francês poderia ser resolvido se mais atenção fosse dada as mulheres, se a elas fosse garantido boa educação para que assim desenvolvessem seus papéis com a perfeição necessária.

No ensaio *A mulher*, Nísia se utiliza de um exemplo local para discursar sobre a pretensa modernidade dessa sociedade que promove “splendid feasts, scientific and literary congresses,” repagina suas cidades com novos jardins e estruturas retirando os destroços que mancham o tão desejado progresso. No entanto, para a escritora esses feitos são artificios que mascaram os vícios e “the groans of pain” (Ibidem, p.100) de uma sociedade que falha no cuidado do seu bem mais precioso, as mulheres e sua educação.

Desse modo, após deflagrar os problemas do mundo em que vive, Nísia propõe uma solução, a mesma que desde muito nova começou a defender, o reconhecimento que as moças burguesas precisam de uma educação de qualidade para desempenharem seus papéis com a maestria necessária. Pois, segundo Nísia, quando as jovens meninas receberem educação elas serão capazes de acompanhar seus pais, irmãos e maridos rumo a uma verdadeira sociedade harmoniosa. Em suas próprias palavras

“(...) consider her from his cradle to his death, as one who exercises a real influence over his fate, and consequently over the fate of nations. Give her, in fine, such an education as is required for the place she is called to fill in society with the helping influence of the heart, and woman will be what she ought to be, the affectionate daughter and sister, the tender and chaste wife, the good and provident mother.” (Ibidem, p.103)

Nísia é explícita e incisiva com o que ela acredita ser a função da mulher e os meios pelos quais ela deve adquirir e atingir esse papel. Durante o ensaio e muitos de seus outros textos ela repete as qualidades que uma mulher precisa ter e que ela acredita serem inerentes a todas. Mas, reconhece que é preciso um guia, um planejamento que oriente desde o nascimento a morte dessas mulheres para que assim elas alcancem o seu verdadeiro potencial como “filha e irmã (...), esposa (...) mãe” (Ibidem.p.103).

Assim, vemos no decorrer de *A mulher* o exemplo que Nísia tenta combater, e as soluções necessárias para as correções, e ainda o seu clamor a uma sociedade dita moderna, para que essa cuide e guie as suas jovens. Enquanto isso, em *Opúsculo Humanitário* (1853) publicado antes do ensaio, a escritora nos apresenta uma mulher que em primeira instância não corresponde com os padrões de sua sociedade, mas que busca alcançar seu papel e por isso Nísia a indica como exemplo a ser observado.

“Quereis ver a mãe na sublime simplicidade do amor materno? Contemplai as indígenas em todas as correrias, que eram e são forçadas a fazer, seguindo os maridos através dos bosques, perseguindo ou fugindo ao inimigo, sobrecarregadas dos filhinhos, (...) ligadas dia e noite a seus filhinhos por mais fortes vínculos de natural afeição do que muitas mães da nossa sociedade, não os deixando, como muitas destas, em seio estranho, alguma vez mesmo enfermos, para irem tomar parte nos prazeres do mundo (...). Quereis ver a esposa terna, providente, dedicada e fiel? Contemplai a célebre Paraguassú captando para o esposo as simpatias e os favores da sua tribo, ajudando-o em sua missão civilizadora, e civilizando-se ela mesma para amenizar-lhe os dias (...)” (FLORESTA, 2019, p.111)

Floresta enxerga na mulher indígena qualidades que devem ser observadas, admiradas e reproduzidas pelas mulheres “civilizadas”. Durante os capítulos em que aborda as mulheres indígenas, a escritora descreve e exemplifica uma mulher que não tem desejos próprios ou aspirações, pois abdicaram dos mesmos para dedicar suas vidas aos cuidados da família.

A escritora consegue perceber e apontar qualidades nas populações, e em especial nas mulheres indígenas, ela ressalta e elogia, reconhece os seus valores como guerreiras de seus povos. No entanto, numa visão romântica, tal qual a de seus contemporâneos,

Floresta ainda concebe esses povos como selvagens, e por mais que existam algumas qualidades a serem adotadas e que Floresta advogue em sua defesa, criticando a violenta e contínua colonização⁴⁷, ela os coloca em uma posição diretamente inferior aos europeus, ou seja, como povos que precisam ser ensinados no curso da civilização.

Em realidade as qualidades de Paraguassú e outras mulheres indígenas⁴⁸ que Floresta pede para que sejam observadas são a sua intensa devoção ao marido e sua abnegação, ou seja, como põe os seus próprios desejos e anseios de lado de modo que facilitem a vida de seus companheiros. Assim define a escritora potiguara

“Boas mães e esposas fiéis, eis aqui duas qualidades preciosas comuns às nossas indígenas, dois vínculos santos que ligam e enobrecem a família, vínculos que sabem no estado selvagem respeitar, apresentando exemplos que bem merecem ser considerados pelas mulheres civilizadas de todos os países.” (Ibidem, p.112-13)

Nísia, então pede que olhemos para as mulheres indígenas que mesmo em seu “estado selvagem”, ou seja, longe do catolicismo e das normas da sociedade europeia, mantêm mulheres fiéis às suas famílias, e por isso são dignas de admiração. Assim, percebemos mais uma vez que a Nísia tem um protótipo de mulher em vista quando defende a educação feminina, ela elogia essas mulheres que à época eram consideradas tão mais inferiores, mas somente aquelas qualidades que podem e fazem parte do que Floresta estabelece como o seu modelo ideal.

Desse modo, o modelo nisiano, a “matrona esclarecida”, poderia e deveria ser aprendido pelas mulheres, pois mesmo aquelas que já possuíam “as virtudes inatas” precisavam receber “educação moral e intelectual”⁴⁹. Assim, tanto em *Opúsculo* como em *A mulher* Nísia pede para que haja um gerenciamento da educação feminina, visando a sua edificação.

Em *Opúsculo*, apesar de criticar o tratamento dado aos indígenas, Nísia ainda considera os povos e a cultura europeia como superior, civilizada, portanto, a condutora do caminho de uma moralidade a ser alcançada. E apesar de em *A mulher* criticar mais

⁴⁷ “De feito, o filósofo, o cristão que conhece a história do nosso Brasil não pode deixar de revoltar-se contra os abusos da civilização dos seus povoadores europeus, continuados pelos seus sucessores! O que resta hoje dessas numerosas nações de aborígenes, cujo préstimo e fidelidade tantos fatos comprovam antes e depois dos frutos colhidos pelo incansável zelo de Nóbrega e do virtuoso Anchieta?” (FLORESTA, 2019, p.109).

⁴⁸ Floresta cita além de Paraguassú a indígena Clara, esposa de Poti, ambos do povo Potiguara que combateram contra a invasão holandesa, e a personagem Moema do poema *Caramuru* 1781. Ibidem, p.111.

⁴⁹ Ibidem, p.110.

uma vez essa sociedade perdida na luxúria, Nísia não a abandona, mas propõe uma revisão de prioridades para que possa seguir um real caminho moderno e de progresso, no qual as mulheres recebem educação e ocupar posição de destaque como indispensáveis conselheiras.

Por fim, Floresta com suas obras nos aparenta objetivar tanto pedir pela educação feminina como servir de modelo e guia para essas jovens, educando-as como a potiguara tanto deseja. Tanto Constância Duarte como Charlotte Matthews concordam que a produção da escritora caminha visando essa finalidade, educar as mulheres, vejamos

“In fact, Floresta’s entire opus might be said to be didactic in its purpose (...). In her discussion of the 1857 essay ‘A mulher’, Duarte observes the text’s ‘caráter nitidamente *formativo*, pois, mais que *informar*, pretender *formar* consciências’, and this claim can easily be extended to Floresta’s writing as a whole.” (MATTHEWS, 2012, p.29, itálico do original.)

Fany e o modelo nisiano

Fany, ou o modelo das donzelas foi publicado pela primeira vez no ano de 1847 no Rio de Janeiro, posteriormente foi republicado por Fernando de Osório em *Mulheres Farroupilhas* (1935). No entanto, a análise foi realizada a partir da edição de 2009 feita por Constância L. Duarte em *Inéditos e Dispersos*, visto ser a mais recente e acessível.

Iniciemos definindo o gênero dessa publicação de Floresta, pois como já muito comentado, a professora transitou por diferentes gêneros da literatura. Duarte (2010) classificou *Fany* como uma “uma novela de cunho didático-moralista, pois conserva bem nítida a intenção autoral de servir de leitura para a juventude feminina em geral e, em particular, para aquela do Colégio Augusto” (p.51).

Essa “intenção” é explicitada por Nísia que deixa assinalado em seu manuscrito que o texto fora escrito “para servir de leitura às alunas do Colégio Augusto”⁵⁰. Mas, também em outro texto publicado no mesmo ano, o *Discurso a que suas educandas dirigiu* onde, depois de elogiar os esforços de suas estudantes afirma que

“Não vos repetirei aqui o texto de minhas constantes lições: vós o achareis, senão gravado em vossos corações, nem mesmo em vossa

⁵⁰ DUARTE, 2009, p.102.

memória, ao menos em todos os meus escriptos, que vos tenho dirigido.” (FLORESTA, 1847, p.4)

Ou seja, Floresta além de constantemente falar sobre o que acreditava serem as “lições” necessárias para uma jovem tornar-se uma boa mulher, ela escrevia e os compartilhava em suas aulas, para que assim fossem lidos e relidos. O relato de Nísia nos permite ainda conjecturar que essas novelas *Fany*, *Dacyz* e possivelmente outras, eram indicadas como parte das tarefas acadêmicas e, “provavelmente foi o que hoje se denomina uma leitura paradidática, isto é, leitura indicada como atividade escolar”⁵¹. Assim, buscamos perceber a “matrona esclarecida” neste texto didático de Floresta, salientando as características que ela considerava essenciais e a forma pela qual ela constrói esse modelo e o apresenta as suas estudantes.

Vejamos então o conteúdo desse texto que Nísia transmitia às suas alunas. A história de *Fany* começa com uma bem detalhada descrição da cidade de Porto Alegre, que ficava “situada em uma risonha e agradável colina”⁵², à época capital de São Pedro do Sul, hoje Rio Grande do Sul. Nísia nos descreve a cidade como uma criação divina, com cenários dignos do jardim do Éden e nos assegura ainda que o povo da região é igualmente elogiável, e por fim ainda informa que a capital recebia “embarcações de diversas mercadorias de outras províncias do Império e de diferentes nações do mundo”⁵³, mostrando que havia uma estabilidade econômica e de comunicação entre a província e o restante do mundo.

É válido comentar que esse panorama narrado por Nísia é realizado prezando por uma descrição que transmita ao leitor a sensação de uma harmonia e tranquilidade no local. A prosa de Nísia é característica do período, confere atenção aos detalhes para fornecer uma imagem precisa, mas que ao mesmo tempo é poética.

“As frentes da maior parte dessas chácaras, coroadas de rosas e como que situadas por entre o azul do céu e o verde das montanhas, apresentam no delicioso Outubro um panorama digno do pincel de Rafael.” (DUARTE, 2009, p.95)

No trecho, podemos perceber que há um cuidado em criar a imagem, e que Floresta faz questão de sutilmente indicar e transmitir seu vasto conhecimento às suas jovens estudantes. O pintor citado por Nísia é muito possivelmente o renascentista Rafael Sanzio, comumente identificado somente por seu primeiro nome, e célebre por diversos

⁵¹ DUARTE, 2010, p.51.

⁵² DUARTE, 2009, p.95.

⁵³ *Ibidem.*, p.95

trabalhos como as Madonas e a Escola de Atenas (1509-10), sendo considerado um dos mais importantes do período.

“Um dos temas tradicionais mais representados pelo artista é o da Madona, a Virgem Maria segurando o seu filho, Jesus. Ao contrário de outros pintores da época, como Michelangelo, Rafael não se focava no *pathos* destas figuras, ou seja, as suas expressões não transmitiam dor ou sofrimento. Apesar da força, há também suavidade nas suas pinturas, que se caracterizam pela perfeição e harmonia, assim como pela clareza e amplitude dos espaços representados.” (MARCELO, c2022).

Como já apontamos, Floresta apesar de uma fiel católica não era uma fervorosa acrítica, ao contrário, diversos são os momentos que formula suas desaprovações aos ditames católicos, pede por exemplo que não façam de suas contemporâneas a “woman of the Bible” ou da Idade Média, pois as suas contemporâneas estariam muito a frente e deveriam caminhar em direção ao progresso⁵⁴.

Portanto, a escolha de Rafael não aparenta ter sido o mero acaso, mas uma escolha consciente de uma professora habilidosa em criar imagens e simbolismos com suas palavras. Pois, além das pinturas do renascentista serem o exemplo de harmoniosa paisagem que Floresta desejava transmitir, as próprias temáticas e pinturas de Rafael eram repletas de simbolismos e mensagens⁵⁵. Como definido por Marcelo (c2022) as pinturas de Rafael são a combinação de firmeza e delicadeza, uma imagem muito próxima da que Nísia defendia as mulheres.

Prossigamos com nossa análise. Por se tratar de uma história curta, como já citado, com fins didáticos, Floresta não perde tempo em pormenorizar descrições que não considera essenciais para a criação de sua narrativa; desse modo, de forma sucinta nos apresenta a “família, que se compunha de seus chefes e nove filhos. Fany, a primogênita deles, contava apenas treze anos”⁵⁶. Assim, a escritora já nos aponta que é a filha mais velha quem receberá atenção, pois foi a única que recebeu algum tipo de identificação.

⁵⁴ O trecho por completo é “Do not make her the woman of the Bible; the woman of our time may succeed better than she; neither the woman of the middle ages: we are so far from both who have to progress with the nineteenth century side by side with man towards the regeneration of nations”, SHARPE, 1995, p.102.

⁵⁵ O pintor ficou conhecido por suas produções de cunho religioso feitas sob encomenda, mas que carregavam influências da antiguidade clássica propondo uma revisão das tradições. Conferir os trabalhos de Marina Barbosa do Rego Silva, O sagrado em Rafael Sanzio: análise do mecenato da Igreja Católica no início do século XVI, de 2018 e de José Nicolao Julião, As pinturas de Rafael Sanzio no ateliê filosófico de Nietzsche, de 2022.

⁵⁶ DUARTE, 2009, p.96.

Nísia continua então sua história narrando a rotina tranquila da jovem Fany, moça dedicada aos estudos e a família durante todo o seu crescimento, isso porque “ela [Fany] estava certa de que a obediência filial e o desempenho exato dos deveres de uma donzela era uma lei que Deus escrevera no coração desta”⁵⁷. Neste trecho já podemos observar algumas características do modelo que Nísia anuncia no título, obediência, perfeito desempenho e fé cristã.

Isso porque Fany não é somente uma filha obediente, mas ela também cumpre com seus deveres de forma exemplar, e assim os faz por acreditar que eles não são arbitrários ou esperando uma gratificação, mas sim porque de tal modo fora designado por Deus. Ou seja, os deveres de uma donzela, Nísia nos indica, não são decididos pelos pais ou pela sociedade, mas por um ser tão superior que o sequer pensamento de contestação ou reconhecimento a estas atribuições não fazem e não devem reger a vida das jovens, e por isso Floresta continua

“[Fany] estranhava que o simples cumprimento desta lei pudesse atrair-lhe tantos elogios. Demais, o monstro devorador das qualidades das mulheres, a desprezível vaidade, não havia infeccionado sua alma cândida com seu pestilento hálito” (DUARTE, 2009, p.96).

No trecho Nísia interrompe sua narrativa para conferir uma nota pessoal, ela exprime sua opinião acerca do caráter da jovem Fany e de outras mulheres. Pois, ao indicar que a gaúcha não havia sido “devorada”, ela está criticando as que cederam a “desprezível vaidade”; como vimos em *A mulher* (1859) Floresta é uma crítica da volúpia e dos excessos da sociedade moderna, a escritora faz questão de se colocar de maneira oposta, preferindo e desejando que seus contemporâneos dediquem mais tempo as suas educações morais e concentrem-se mais em suas famílias.

E para seguirmos adiante, que se faça percebido que numa mesma sequência, Floresta nos informa tanto das características positivas quanto negativas que uma mulher pode adquirir. A escritora o faz de modo direto, sem rodeios, mas não utiliza um tom combativo ao indicar as negativas, em verdade, o emprego da frase reforça o tom de “conversa entre conhecidos” utilizado durante toda a história. A escolha para tal abordagem se dá sem dúvidas devido às leitoras finais, as jovens e aprendizes que tão bem conheciam Nísia, portanto, não sendo necessário um tom de formalidade excessiva.

⁵⁷ Ibidem., p.96

Continuando, vemos que a tranquilidade da pacata cidade de Porto Alegre é perturbada pelo “primeiro painel da rebelião”⁵⁸. A rebelião é na realidade a Guerra dos Farrapos, ou ainda Revolução Farroupilha, deflagrada em vinte de setembro de 1835 e que durou longos dez anos.

“Essa guerra civil foi a mais prolongada em que uma província esteve envolvida (1835-1845), sendo a mais desgastante rebelião regional enfrentada pelo Império do Brasil, por questionar a proposta centralizadora presente na construção do Estado nacional brasileiro” (NEUMANN, 2014, p.85).

O conflito, além da questão política mencionada, também tinha objetivos econômicos que visavam a proteção da elite sulista em detrimento de seus concorrentes estrangeiros.⁵⁹ Assim como em outros conflitos civis, fora deflagrado pela elite sulista. No entanto, a composição dos revoltosos não era homogênea, diferentes grupos de camadas sociais e por vezes com diferentes intenções aderiram a causa. É importante apontar que o conflito contou com a participação de grupos indígenas e de escravizados, tanto do lado dos “farroupilhas” como do Império.⁶⁰

Como já mencionado, Nísia Floresta e sua família foram residir em Porto Alegre nos fins de 1832. No ano da deflagração do conflito a jovem senhora ainda residia na cidade. Na realidade Duarte (2010) afirma que a escritora somente se mudou para o Rio de Janeiro durante o ano de 1837, dois anos após o começo da guerra, e que esta mudança teria ocorrido por conta do avanço do combate. Assim, a escritora vivenciou em primeira mão ao menos os dois primeiros anos do conflito direto, e podemos supor que mesmo após sua partida se manteve informada sobre os acontecimentos na região, visto a intelectual que era, e porque sua irmã se manteve na cidade.

Salientamos ainda que a publicação da história ocorreu somente dois anos após o fim do conflito. Desse modo quando Nísia indica as medidas tomadas pelo Império, como a anistia e reintegração das famílias revoltosas, a escritora não está inventando soluções, mas incorporando acontecimentos reais com seus objetivos pedagógicos,

⁵⁸ Ibidem, p.97.

⁵⁹ Para maior aprofundamento ver Cesar A. B. Guazzelli, “Fronteiras em conflito no espaço platino: da Guerra dos Farrapos à Guerra Grande”, In: Luiz A. Grijó; Eduardo Santos Neumann (orgs.), O continente em armas: uma história da guerra no sul do Brasil, Rio de Janeiro, Apicuri, 2010, p. 97-122; Moacyr Flores, Modelo político dos farrapos, 1996.

⁶⁰ Sobre a participação indígena e escravizada, ver, respectivamente: Eduardo Santos Neumann, “UM SÓ NÃO ESCAPA DE PEGAR EM ARMAS”: AS POPULAÇÕES INDÍGENAS NA GUERRA DOS FARRAPOS (1835-1845), 2014; Margret M. Bakos, A escravidão negra e os farroupilhas. In: PESAVENTO, Sandra J. [org] A revolução farroupilha: história & interpretação. Porto Alegre: Ed. Mercado Aberto, 1985. p.79-97.

desse modo, também poderíamos considerar a produção como um romance histórico, tão populares atualmente, indo além de um livro paradidático ou apenas uma história moral.

E por último, mas de mesmo modo significativa, a perspicácia e manejo da professora em unir um tema atual com lições pedagógicas e morais. O feito é por si só importante, visto que até os dias atuais é uma preocupação constante nas escolas, como equilibrar entre conteúdos programados e didáticos e a apresentação de temas atuais e mais próximos dos estudantes. E Nísia faz isso em pleno século XIX, ela consegue manter suas alunas devidamente informadas e interessadas sobre assuntos fora do escopo doméstico, e ainda as incentivando a continuar suas buscas por conhecimento.

Indo adiante vejamos numa passagem em que elogia as virtudes acadêmicas da protagonista um indicativo explícito do método lancasteriano, já comentado ter sido um dos utilizados pela professora, e o obrigatório em todo o Império desde 1827

“[a] Diretora, fazendo justiça a seu merecimento, lhe havia conferido depois de algum tempo o título de Monitora. (...) atraiu em pouco tempo pela doçura, amabilidade de caráter, e terna perseverança em transmitir-lhes as lições que recebia da Diretora, a geral estima mesmo das colegiais que não estavam sob a sua direção.” (DUARTE, 2009, p.96)

O método lancasteriano também denominado de mútuo ou monitorial foi idealizado pelo inglês Joseph Lancaster (1778-1838) com objetivos de melhor atender as necessidades educacionais de uma população crescente e pobre na Inglaterra, mas com poucos recursos. O método consiste em dividir um largo grupo de alunos em menores e dentro deles eleger um a monitor que “eram alunos mais adiantados no conteúdo pedagógico que ensinavam outros alunos” servindo como “verdadeiros auxiliares do único professor em sala de aula” (FERREIRA e SCHWARTS, 2014, p.57).

“Segundo Maria Helena Câmara Bastos (1999), o trabalho de Joseph Lancaster representou um planejamento bem definido de ações, descrevendo desde as instalações prediais escolares, o currículo pedagógico, a forma de ensinar, até os instrumentais utilizados nas salas de aula.” (FERREIRA; SCHWARTZ; KROHLING, 2016, p.177)

O método foi largamente utilizado na Inglaterra devido a seus baixos custos e a capacidade de educar de forma rápida um largo número de estudantes simultaneamente, devido ao sucesso, passou a ser implementado em outras nações como França, Estados Unidos e o Império brasileiro.

A respeito da implementação no Brasil⁶¹ Silva (2014) diz que o método “foi introduzido no Brasil para suprir a escassez de professores” e que “o lancasteriano seria mais um fracasso na organização da instrução pública brasileira, que na verdade, não passou de uma reprodução do sistema de ensino que era adotado na Inglaterra” (p.32). No entanto, as pesquisadoras Ferreira e Schwartz (2014) apontam que diferente de outros métodos o lancasteriano não excluía a educação feminina, mas as acolhiam creditando sua importância na figura da mãe vejamos

“Com efeito, Lancaster expressa o pensamento londrino de valorização feminina, depositando na mulher uma série de responsabilidades, traçando uma metáfora da mãe como esteio familiar. Vejamos: “[...] a mãe é o caráter do lar e exerce uma dupla influência no pai [marido] e nas crianças. O crescimento das gerações é confiado às mães, e elas regam princípios, virtudes, ou vícios à medida que a maturidade começa a despontar [nos filhos]”. (LANCASTER, 1807, p. 97, tradução nossa).” (FERREIRA e SCHWARTS, 2014, p.57-8).

A defesa de Lancaster do papel da mulher como guia da família é inovadora em 1807, e como já dissemos foi aos poucos ganhando força ao longo do século XIX. Assim, quando Floresta começa a lecionar, seja em Porto Alegre ou no Colégio Augusto, o método lancasteriano já está amplamente divulgado entre a elite brasileira. Desse modo, podemos inferir que Floresta o adota em suas aulas não somente pela imposição legislativa, mas porque em um ou mais aspectos concordava com as suas técnicas, visto que como era uma ávida por conhecimento e apaixonada pela educação certamente foi em busca de mais informações sobre a técnica e seu idealizador.

Retornando ao trecho do romance temos então uma evidente referência ao método quando Floresta indica o “título de Monitora” com tanta familiaridade e sem se preocupar em oferecer mais detalhes sobre a função, além dos elogios e destreza pelo modo ao qual Fany os desempenha. Isso porque como a autora o utilizava em sala de aula e era o mais difundido à época, ela tinha certeza que suas leitoras do Colégio Augusto ou qualquer outro entenderiam a importância da atribuição. Assim, mais uma vez somos informados das maravilhosas proezas da donzela Fany.

Ao prosseguirmos vejamos o discurso de Floresta a respeito do fim da guerra, pois apesar das decisões relatadas serem corroboradas pela historiografia, o discurso é marcado por um sentimento romântico e utópico, isso porque ao afirmar que a “anistia

⁶¹ Sugerimos ainda a tese de doutorado da historiadora Fátima Maria Neves “O método lancasteriano e o projeto de formação disciplinar do povo (São Paulo, 1808 - 1889)”, 2003, Assis-SP, UNESP.

geral fez esquecer ódios invertebrados”⁶², Floresta indica que os conflitos foram todos resolvidos de modo instantâneo. Todavia, o que os estudos apontam é que após o acordo do Tratado do Poncho Verde (1845), imperou um clima de animosidades e ressentimento dentro e fora da região, como explicam os historiadores Jocelito Zalla e Carla Menegat

“Uma observação atenta dos discursos dos presidentes da província em seus pronunciamentos mostra que sua imagem característica era ao mesmo tempo motivo de apreço e apreensão. Valores como a habilidade guerreira, adquirida nos muitos anos de guerras, tanto podiam, num mesmo comunicado, ser louvadas como parte de um conjunto que permitia à província defender o Império das ameaças provenientes dos países vizinhos, quanto ser o eixo central de uma acusação da incapacidade de estabelecer ordem e civilização, impelindo os cidadãos a cometerem crimes” (ZALLA e MENEGAT, 2011, p. 53).

Portanto, é de todo provável que Nisia Floresta estivesse também nesta posição de ambiguidade, pois apesar de suas críticas ao governo imperial e seus meios de resolução de conflitos, explícitas pouco tempo depois⁶³, a professora não tinha por desejo incitar maiores confrontos civis em seu adorado Brasil, e menos ainda despertar um espírito revolucionário entre suas estudantes. Desse modo, ao colocarmos esses pontos em perspectiva seu tom demasiado conciliatório é mais facilmente compreensível e deixa de aparentar uma crença desmedida na cordialidade humana.

Não querendo estender mais que o necessário, tomemos conhecimento de forma resumida o desenrolar da história. A jovem Fany vivia sua vida de forma tranquila com a família, estudava, ajudava na casa e a cuidar dos irmãos, recebia a admiração de todos que a conheciam, fosse por seu zelo em ajudar os necessitados ou pela modéstia, era considerada “a mais tímida das donzelas”⁶⁴.

Durante os anos do conflito a família viveu em estado de apreensão, sendo o pai de Fany um dos comandantes das forças rebeldes, de modo que testemunharam e receberam tanto as glórias como os infortúnios da guerra. Numa determinada passagem, em meio a “um renhido combate entre os dois exércitos” a família sai em busca do pai/marido para “aproximar-se dele e subtraí-lo, se fosse possível à morte!”⁶⁵, é neste cenário que Floresta credita o desenvolvimento completo da protagonista,

⁶² DUARTE, 2009, p.101.

⁶³ No já citado *A Lágrima de um Caeté* (1847).

⁶⁴ DUARTE, 2009, p.100.

⁶⁵ *Ibidem*, p.100.

“Foi então que Fany desenvolveu grandemente todas as virtudes de seu sexo: animava com as suas doces carícias a mãe abatida, cuidava dos irmãos, prestava socorro aos que caíam feridos aos seus pés, rompendo suas roupas para estancar o sangue que corria de suas feridas, e impondo um religioso respeito aos soldados, que a contemplavam tão bela, e tão jovem no meio deles!” (DUARTE, 2009, p.100).

Temos neste trecho um compilado do comportamento que as moças devem desempenhar. Isso porque Fany se mantém calma e racional num momento de desespero de modo que alenta a sua mãe e irmãos, ela não é um peso para a família, mas a rocha que os sustenta e com igual dedicação é ela que cuida daqueles que sequer conhece, mas precisam de sua ajuda. Nísia, não nos informa, talvez propositalmente, se os feridos são aliados de seu pai ou inimigos, pois para a donzela tal informação é irrelevante, porque em seu coração está escrito que ela deve cuidar e zelar pelos outros, assim mais uma característica a ser desenvolvida é a caridade.

Fany, o modelo de mulher nisiano, demonstra neste momento todas as qualidades que ela esperava que suas estudantes adquirissem: calma, racionalidade, dedicação, caridade, modéstia e decência. Este último é digno de comentário, pois o único momento em que Fany esboçou uma preocupação consigo mesma é quando rasga as suas próprias roupas para cuidar dos feridos. “Fany, a jovem modelo de donzela não tinha desejos, tampouco um coração amante, ela tinha um corpo estático”⁶⁶. Desse modo, seu receio não é relativo aos seus desejos ou ainda sua saúde física, mas é uma preocupação moral, em manter-se digna e respeitável aos olhos daqueles homens que não lhe eram íntimos, e em larga escala, da sociedade a que pertencia.

Passado um momento, é declarada vitória ao grupo do pai de Fany, no entanto, poucos dias depois o mesmo é morto em uma emboscada, deixando a órfã e com a responsabilidade de cuidar da família. É neste período que Fany recebe diversas propostas de casamento, mas que recusa em favor de “viver somente para sua mãe e seus irmãos”⁶⁷. Desse modo, sem “jamais uma queixa contra os decretos da Providência” e mantendo sua dedicação a jovem cuidou durante oito anos da família, fato que continuou a lhe render a admiração de todos que a conheciam, pois “mesmo em sua pobreza como no tempo de sua prosperidade” Fany se manteve “sempre boa, sempre dócil (...), sempre modesta e atenciosa com toda a sorte de pessoas”⁶⁸.

⁶⁶ ROSA, 2012, p.44

⁶⁷ DUARTE, 2009, p.101

⁶⁸ Ibidem, p.101

Com o fim do conflito, a anistia aplicada e os bens restituídos, a família de Fany é uma das beneficiadas, e Floresta afirma que por fim chegou o “tempo do Eterno enviar-lhe a coroa que lhe haviam preparado suas virtudes”⁶⁹, ou seja, somente após passar pelas maiores dificuldades e sofrimentos é que a jovem Fany pode colher os frutos de suas tão bem cultivadas virtudes e se estabelecer em uma vida tranquila. A narrativa de Floresta já em seu fim nos proporciona um lampejo da vida tranquila de Fany que somente é interrompida pela saudade do pai, vejamos

“[Fany] achou-se de posse de todos os bens que pertencem agora à sua mãe, do meio soldo de seu pai, e, o que é mais, da estima geral de um povo que apregoa as suas virtudes, e entre o qual ela vive hoje no gozo dos mais puros prazeres domésticos, rodeada de sua família, ocupada ela mesma na educação de seus irmãozinhos a quem ama com idolatria. (...) recebendo com a sua inalterável e encantadora modéstia os respeitos de todos, crê-la-iam perfeitamente feliz, se uma lágrima não traísse, às vezes, a saudade e a dolorosa lembrança de seu pai.” (DUARTE, 2009, p.101-2)

Por fim, vemos que todas as dificuldades pelas quais a donzela Fany passou foram por conta de um propósito maior, como um teste de validação, no qual passou, visto que ela pôde desfrutar de uma boa vida ao lado de sua família. E assim é a narrativa construída por Nísia nos indicando a todo instante que para alcançar essa tranquilidade e desenvolver todas as virtudes é preciso que as jovens além de se dedicarem e observarem constantemente suas ações e pensamentos aprendam a viver com diferentes privações, sendo a principal delas a privação de seu próprio ser.

Por fim, o modelo que Nísia nos apresenta é repleto de virtudes, mas sem personalidade fora da família, ao longo das páginas a escritora consegue habilmente intercalar o conflito civil com seus ensinamentos, mas opta por não inserir em Fany qualquer característica que a torne mais humana e independente. O modelo das donzelas que fora dedicado às suas alunas promove uma jovem sem interesses próprios, destinada a viver sua vida para os outros ao seu redor.

“Possam todas as Donzelas e principalmente aquelas para quem escrevi estes ligeiros traços da história de Fany, imitar suas virtudes, e excitarem uma pena mais hábil do que a minha para descrevê-las!” (DUARTE, 2009, p.102)

Portanto, concordamos com Rosa (2012) quando afirma que a educação promovida por Floresta “não chegou a oferecer (...) um lugar na sociedade fora do espaço doméstico, conservando-as assim submissas aos homens” (p.294-5). Pois, mesmo

⁶⁹ Ibidem, p.101

pedindo por educação feminina, e incentivando as suas estudantes a escreverem melhores histórias que as suas, toda a narrativa construída em sua pedagogia é em favorecimento de uma abnegação feminina a todos ao seu redor.

Conclusão

Ao longo deste trabalho fizemos uma exposição da vida de Nísia Floresta, considerando aspectos de sua criação, vida familiar e profissional, assim como a discussão de algumas de suas obras de modo a como dito anteriormente contribuir para o reconhecimento dessa ilustre brasileira. Para isto, mantemos sempre em vista os pilares da historiografia, buscando compreender a formação e intenções de Floresta dentro de seu contexto social sem postular juízos atuais.

Por meio da pesquisa da vida de Nísia foi possível perceber as nuances de sua formação, a escritora teve acesso a uma educação com qualidade muito diferente e mais abrangente que a de suas contemporâneas. Apesar de em alguns momentos publicar suas preocupações a respeito da escravidão e opressão imperial este não foi seu principal tema, e utilizou seu lugar de privilégio enquanto mulher branca para defender as suas similares.

No entanto, como vimos, Floresta sofreu perseguições por conta de suas escolhas destoantes do que era considerado o correto para as mulheres. Fosse ao decidir pôr fim a seu primeiro matrimônio e posteriormente casar-se novamente, ou quando empregou aulas de educação física e diferentes idiomas a suas alunas no Colégio Augusto. Por fim, numa análise a respeito de suas bases teóricas e obras publicadas, discutimos sobre as intenções de Floresta com suas publicações, suas críticas e projetos e no que entendia como as características ideais da mulher moderna.

Com todos esses aspectos em consideração concluímos que Nísia foi uma mulher letrada e que percebeu na educação a porta de dignidade para as suas companheiras. Desse modo, propôs, promoveu e cobrou meios para que outras mulheres, como ela, pudessem ser asseguradas os direitos de serem bem-educadas e de um mínimo de participação social. Seus pedidos e propostas não são, portanto, reformadores do sistema, não pedem por mudanças ou revoluções, de modo que a posição da mulher se

mantém inalterada, Fany continua a cuidar da casa e das crianças, a diferença é o modo como o faz, com diligência, racionalidade e perfeição.

Concluimos então que o modelo de educação feminina de Nísia era na verdade muito mais próximo ao imposto pela sociedade do que um olhar superficial ou menos contextualizado poderia imaginar. Desse modo, Fany não estava presente na vida pessoal de Floresta, onde foi constantemente desafiadora e destemida, mas sim em suas publicações e lições pedagógicas.

Nísia Floresta Brasileira Augusta foi muitas, assim como seu nome indica; mulher católica, devota e abertamente crítica a religião; inteligente, ávida por conhecimento e muito criteriosa; respeitada e admirada por todos aqueles que se detiveram a de fato conhecê-la; filha, irmã, esposa e mãe dedicada; escritora de poemas e opúsculos, professora, diretora e viajante. Nísia Floresta foi inspiração para suas alunas e assim deve continuar sendo, mas com sua história e convicções sendo respeitadas pelo que elas foram.

Referências Bibliográficas

ADICHE. Chimamanda Ngozi. O perigo de uma história única. São Paulo: Companhia das Letras, 2019. 62 p. Tradução: Julia Romeu.

BARROCA. Iara. Constância Lima Duarte: Entrevista. Jangada, Viçosa, MG, ed. 15, p. 168-177, jun/jul 2020. Disponível em: file:///C:/Users/beatr/Downloads/jangada_admin,+13.15.+Entrevista,+Const%C3%A2ncia+Lima+Duarte.pdf. Acesso em: 8 set. 2022.

D'INCAO. Maria Ânegla. Mulher e família burguesa. In: PRIORI, Mary Del (org.). História das mulheres no Brasil. 7. ed. São Paulo: Contexto, 2004. ISBN 85-7244-256-1.

DUARTE. Constância Lima. As viagens de Nísia Floresta: memória, testemunho e história. Revista Estudos Feministas, Vol 16, Iss 3 (2008, [s. l.], 2008. Disponível em: <https://search.ebscohost.com/login.aspx?direct=true&db=edsbas&AN=edsbas.40874753&lang=pt-br&site=eds-live&scope=site>. Acesso em: 15 set. 2022.

_____. Nísia Floresta / Constância Lima Duarte. – Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2010. 168 p.: il. – (Coleção Educadores).

_____. Feminismo e literatura no Brasil. Estudos Avançados [online]. 2003, v. 17, n. 49 [Acessado 30 novembro 2021], p. 151-172. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-40142003000300010>. Epub 17 Fev 2004. ISSN 1806-9592. <https://doi.org/10.1590/S0103-40142003000300010>

FERRARO. A. R.; LAGE, A. C. Do direito à educação em Pernambuco à luz das constituições brasileiras e dos censos demográficos. Revista de Educação Pública, [S. l.], v. 23, n. 54, p. 919-939, 2014. DOI: 10.29286/rep.v23i54.1291. Disponível em: <https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/educacaopublica/article/view/1291>. Acesso em: 1 jun. 2022.

FERREIRA, Dirce Nazaré de Andrade; SCHWARTZ, Cleonara Maria. Política, poder e instrução: a educação feminina no método Lancasteriano (uma análise da lei 15 de outubro de 1827, à luz do ensino mútuo). Revista Brasileira de História da Educação, v. 14, n. 1[34], p. 49-72, 24 abr. 2014. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/rbhe/article/view/38863> Acesso em 16 nov. 2022.

FERREIRA, Dirce Nazaré de Andrade; SCHWARTZ, Cleonara Maria; KROHLING, Aloisio. O método lancasteriano: Uma comparação entre a sala monitorial do The British School Museum de Hitchin, na Inglaterra, e o regimento interno das aulas públicas das primeiras letras da província do Espírito Santo em 1871. *Revista História da Educação*, [s. l.], v. 20, n. 48, p. 175-191, 2016. DOI <https://doi.org/10.1590/2236-3459/41842>. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/2236-3459/41842>>. Acesso em: 16 nov. 2022.

FLORES. H. A. H. Nísia Floresta Brasileira Augusta. *Letras de Hoje*, [s. l.], 1992. Disponível em: <https://search.ebscohost.com/login.aspx?direct=true&db=edsbas&AN=edsbas.EC6D29DF&lang=pt-br&site=eds-live&scope=site>. Acesso em: 15 set. 2022.

FLORESTA. Nísia. *Opúsculo humanitário / Nísia Floresta*. - Ed. Atual. / com estudo introdutório e notas de Peggy Sharpe-Valadares. – São Paulo: Cortez; [Brasília, DF]: INEP, 1989. - (Biblioteca da educação. Série 3; mulher tempo, v. 1)

_____. *Fragmentos de uma obra inédita: notas biográficas*. Tradução de Nathalie B. da Câmara. Brasília: Editora UnB, 2001.

_____. *Três anos na Itália seguidos de uma viagem à Grécia / Nísia Floresta*; tradução Maria Selma C. L. Pereira; projeto gráfico, diagramação e capa Hanna Andreza Fernandes Sobral; revisão linguística Rodrigo Luiz Silva Pessoa, Gilson Gomes de Medeiros. – Natal: IFRN, 2018.

_____. *Opúsculo humanitário / Nísia Floresta*; prefácio Maria da Conceição Lima Alves; notas Maria Helena de Almeida Freitas, Mônica Almeida Rizzo Soares. – Brasília: Senado Federal, 2019. 119 p.

FLORESTA. Nísia et al. *Nísia Floresta: Uma mulher à frente do seu tempo*. Rio Grande do Norte: Fundação Ulysses Guimarães, 2015. 199 p. E-book 199 p.

FREHSE. Fraya Nísia Floresta, *O Carapuceiro e outros ensaios de tradução cultural*. *Revista de Antropologia* [online]. 1997, v. 40, n. 2 [Acessado 12 Setembro 2022], pp. 235-245. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0034-77011997000200008>>. Epub 27 Nov 2000. ISSN 0034-7701. <https://doi.org/10.1590/S0034-77011997000200008>.

GONTIJO. Cláudia Maria Mendes. *Alfabetização no Espírito Santo: o método mútuo ou monitorial*. *Educar em Revista* [online]. 2011, n. 40 [Acessado 1 Junho 2022], pp.

141-158. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0104-40602011000200010>>. Epub 11 Out 2011. ISSN 1984-0411. <https://doi.org/10.1590/S0104-40602011000200010>.

GUIMARÃES. Manoel Luiz Salgado. Prefácio: A biografia como escrita da história. In: SOUZA, Adriana Barreto de. Duque de Caxias: o homem por trás do movimento. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008. p. 19-26. ISBN 978-85-200-0864-5.

GUSMÃO. Emery Marques. Debates sobre educação feminina no século XIX: Nísia Floresta e Maria Amália Vaz de Carvalho. Estudos Históricos (Rio de Janeiro) [online]. 2012, v. 25, n. 50 [Acessado 23 agosto 2021], p. 269-289. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0103-21862012000200001>>. Epub 10 Abr 2013. ISSN 2178-1494. <https://doi.org/10.1590/S0103-21862012000200001>.

HOOKS. bell. Teoria feminista: da margem ao centro. Trad. de Rainer Patriota. São Paulo: Perspectiva, 2019.

HOOKS. bell. O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras/bell hooks; tradução Bhuvli Libanio. – 12ª ed. – Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2020.

HUNT. Lynn. "Torrentes de emoções": o estranho destino das mulheres. In: _____. A invenção dos Direitos Humanos: uma história. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. Cap. 1. p. 33-40. Tradução: Rosaura Eihenberg.

JOSÉ. Nicolao Julião. As pinturas de Rafael Sanzio no ateliê filosófico de Nietzsche. Cadernos Nietzsche, [s. l.], v. 43, n. 2, p. 201–226, 2022. DOI 10.1590/2316-82422022v4302jnj. Disponível em: <https://search.ebscohost.com/login.aspx?direct=true&db=edsdoj&AN=edsdoj.35fa406804d9099906ee5c9a7b886&lang=pt-br&site=eds-live&scope=site>. Acesso em: 2 nov. 2022.

KROETZ. I. D.; GAI. E. T. P. O jornal das senhoras e a busca pela emancipação moral e intelectual da mulher brasileira. Literatura e Autoritarismo, [S. l.], n. 14, 2015. DOI: 10.5902/1679849X18518. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/LA/article/view/18518>. Acesso em: 23 jun. 2022.

LIMA. Adriane Raquel Santana de. Educação para mulheres e processos de descolonização da América Latina no século XIX: Nísia Floresta e Soledad Acosta de Samper. 2016. 260 f. Tese (Doutorado) - Universidade Federal do Pará, Instituto de Ciências da Educação, Belém, 2016. Programa de Pós-Graduação em Educação.

LONZA. Gabriel Battazza. A educação das mulheres no Brasil: Nísia Floresta e a experiência do Colégio Augusto (1838-1849). 2019. 89 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2019.

LÚCIO. Sônia Valéria Marinho. Uma viajante brasileira na Itália do Risorgimento. Tradução comentada do livro *Trois ans en Italie suivis d'un voyage en Grèce* (Vol. I – 1864; Vol. II – s.d.) de Nísia Floresta Brasileira Augusta. Tese de doutorado. Unicamp: Instituto de Estudos da Linguagem, 1999.

MACEDO. Ana Gabriela; AMARAL, Ana Luísa (org.). *Dicionário da Crítica Feminista*. 957. ed. Porto: Edições Afrontamento, 2005. 195 p. ISBN 972-36-0758-1.

MAIA. Ludmila de Souza. Viajantes de saias: escritoras e ideias antiescravistas numa perspectiva transnacional (Brasil, século XIX). *Revista Brasileira de História* [online]. 2014, v. 34, n. 68 [Acessado 23 agosto 2021], p. 61-81. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0102-01882014000200004>>. Epub 03 Fev 2015. ISSN 1806-9347. <https://doi.org/10.1590/S0102-01882014000200004>

MARCELLO. Carolina. Rafael Sanzio: principais obras e biografia. **Cultura Genial**, c2022. Disponível em: <https://www.culturagenial.com/rafael-sanzio-obras-e-biografia/> . Acesso em: 1 de nov. de 2022.

MARGUTTI. Paulo. *Nísia Floresta, uma brasileira desconhecida: feminismo, positivismo e outras tendências* [recurso eletrônico] / Paulo Margutti -- Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2019.

MATTHEWS. Charlotte Hammond. Gender, Race and Patriotismo in the works of Nísia Floresta. - EUA: Tamesis 2012. 21? p.: il. - (Clección Serie A: Monografías, 303).

NEUMANN. Eduardo Santos. “UM SÓ NÃO ESCAPA DE PEGAR EM ARMAS”: AS POPULAÇÕES INDÍGENAS NA GUERRA DOS FARRAPOS (1835-1845). *Revista de História* (São Paulo) [online]. 2014, v. 00, n. 171 [Acessado 8 Novembro 2022] , pp. 83-109. Disponível em: <<https://doi.org/10.11606/issn.2316-9141.rh.2014.89008>>. ISSN 2316-9141. <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9141.rh.2014.89008>.

NEVES, Fátima Maria. *O método Lancasteriano e o projeto de formação disciplinar do povo* (São Paulo, 1808-1889). 2003. 293 f. Tese (doutorado) - Universidade Estadual

Paulista, Faculdade de Ciências e Letras de Assis, 2003. [Acessado 16 de Novembro de 2022] Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/103191>>.

PEREIRA. Laura Sanchez. Nísia Floresta: memória e história da mulher intelectual oitocentista / Laura Sanchez Pereira. – Foz do Iguaçu, 2017.

PRIORI. Mary Del et al (org.). História das mulheres no Brasil. – 7. ed. São Paulo: Contexto, 2004.

PRIORI. Mary Del. Biografia, biografados: Uma janela para a história. In: AVELAR, Alexandre de Sá; SCHIMDT, Benito Bisso (org.). O que pode a biografia. São Paulo (SP): Letra e Voz, 2018. p. 75-90. ISBN 978-85-93467-08-0.

ROMANELLI. Otaíza de Oliveira. A abordagem teórica. In: _____. História da Educação no Brasil (1930/1973). 8. ed. Petrópolis: Vozes, 1986. Cap. 1. p. 19-31.

ROSA. Graziela Rinaldi da. Transgressão e moralidade na formação de uma “matrona esclarecida”: contradições na Filosofia de Educação nisiana / por Graziela Rinaldi da Rosa. – São Leopoldo, 2012.

ROSA. Graziela Rinaldi da. Equidade de gênero em Nísia Floresta. Sociais e Humanas (Santa Maria). 2013, v.26, n.03 [Acessado 29 setembro 2021], p.509-529.

SABINO. Ignez D. Mulheres illustres do Brazil. Prefácio Arthur Orlando Florianópolis: Editora Mulheres, 1996. Edição fac-similar.

SHARPE. Peggy. NISIA FLORESTA: WOMAN. Ensaio - Essay, Illinois, EUA, p. 83-120, 1995.

SILVA. Elizabeth Maria da. Mulheres emancipai-vos!: um estudo sobre o pensamento pedagógico feminista de Nísia Floresta. 2014. 215 f. Dissertação (Mestrado em Educação Contemporânea) – Universidade Federal de Pernambuco, CAA – Caruaru, 2014.

SILVA. Marina Barbosa do Rego. O sagrado em Rafael Sanzio: análise do mecenato da Igreja Católica no início do século XVI. 2018. 84 f. Tese (Mestrado em História) - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018. Disponível em:

<https://eds.s.ebscohost.com/eds/detail/detail?vid=0&sid=91c5e5de-e7c3-44a4-bc71-bfd>

276001278%40redis&bdata=Jmxhbm9cHQYnImc2l0ZT1lZHMtbGl2ZSZzY29wZT1zaXRl#db=cat06910a&AN=puc.226216. Acesso em: 31 out. 2022.

SOIHET. Rachel. Nísia Floresta e mulheres de letras no Rio Grande do Norte: aas na luta pela cidadania. *Revista Estudos Feministas* [online]. 2005, v. 13, n. 1 [Acessado 29 novembro 2021], p. 193-195. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0104-026X2005000100016>>. Epub 24 Ago 2005. ISSN 1806-9584. <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2005000100016>.

TELLES. Norma. Escritora, escritas, escrituras. In: PRIORI, Mary Del (org.). *História das mulheres no Brasil*. 7. ed. São Paulo: Contexto, 2004. ISBN 85-7244-256-1.

VALADARES. Peggy Sharpe. BRAZILIAN WOMEN AND SOCIAL REFORM IN NÍSIA FLORESTA'S OPÚSCULO HUMANITÁRIO. *Ensaio – Essay*, Illinois, EUA, p.17-29, 1988.

VILLELA. Heloísa de Oliveira Santos. Do artesanato a Profissão: Representações sobre a institucionalização da formação docente no século XIX. In: *Histórias e Memórias da Educação no Brasil*. Vol. II: Século XIX 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2005. p. 104-113.

ZALLA. Jocelito e MENEGAT. Carla. História e memória da Revolução Farroupilha: breve genealogia do mito. *Revista Brasileira de História* [online]. 2011, v. 31, n. 62 [Acessado 8 Novembro 2022], pp. 49-70. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0102-01882011000200005>>. Epub 19 Abr 2012. ISSN 1806-9347. <https://doi.org/10.1590/S0102-01882011000200005>.